

A  
ACTAS/ANAIS  
I CONGRESSO LUSÓFONO

Ω  
ESOTERISMO OCIDENTAL

FIAT LUX  
Vol. VIII  
RAÍZES E HORIZONTES DO GNOSTICISMO  
PORTUGUÊS

Coordenação: Renato Epifanio, IADE; Joaquim Pinto, IADE  
e Rodrigo Sobral Cunha, IADE;

Coordenação da edição Rui Lomelino de Freitas

LISBOA | 7 A 10 DE MAIO DE 2016

[HTTP://HESO.ULUSOFONA.PT/](http://heso.ulusofona.pt/)



UNIVERSIDADE  
LUSÓFONA

CIÊNCIA DAS RELIGIÕES

Linha de Investigação em Esoterismo Ocidental

# ACTAS/ANAIS I CONGRESSO LUSÓFONO ESOTERISMO OCIDENTAL

## Comissão Científica:

Presidência da Comissão: Peter Forshaw, UvA (Universiteit van Amsterdam); Wouter Hanegraaff, UvA (Universiteit van Amsterdam); Paulo Mendes Pinto, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Rui Lomelino de Freitas, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

## Restante Comissão:

Ana-Maria Binet, UBM (Université Bordeaux Montaigne); António Macedo, UNL (Universidade Nova de Lisboa); António Ventura, UL (Universidade de Lisboa); Carlos Abreu, UFPB (Universidade Federal da Paraíba); Carlos André Cavalcanti, UFPB (Universidade Federal da Paraíba); José Eduardo Franco, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); José Manuel Anes, ULL (Universidade Lusiada de Lisboa); Paulo Borges, UL (Universidade de Lisboa); Paulo Mendes Pinto, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Raimon Arola, UB (Universitat de Barcelona); Rosa Rius Gatell, UB (Universitat de Barcelona); Teresa Lousa, UL (Universidade de Lisboa); Yvette Centeno, UNL (Universidade Nova de Lisboa).

## Comissão Organizadora:

Presidente da Comissão: Rui Lomelino de Freitas – ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias)

## Restante Comissão:

Carlos Abreu UFPB (Universidade Federal da Paraíba); Carlos André Cavalcanti, UFPB (Universidade Federal da Paraíba); Gabriel Mateus, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); José da Gama, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Mariana Vital ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Gonçalo Pinto ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Maria Manuela Gomes, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Paulo Mendes Pinto, ULHT (Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias); Teresa Lousa, UL (Universidade de Lisboa)

## Índice

- 4 *Renato Epifânio; Joaquim Pinto e Rodrigo Sobral Cunha, Raízes e Horizontes do Gnósticismo Português*
- 5 *Helga Ribeiro, O “Realismo Mágico” Para Uma Realização da Virtude Lusitana*
- 20 *Joaquim Pinto, O gnosticismo agnóstico em Alberto Caeiro*
- 30 *Luísa Borges, Pascoaes: Mestre de uma Tradição Gnóstica Lusitana?*
- 41 *Renato Epifânio, Do gnosticismo: entre Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra e José Marinho*

## *Raízes e Horizontes do Gnosticismo Português*

*Coordenação:*

*Renato Epifânio (IFLB)*

*Joaquim Pinto (US)*

*Rodrigo Sobral Cunha (IADE)*

Procuraremos, neste painel, trazer à luz algumas das raízes do gnosticismo português, verificando em que medida estas se desenvolveram em alguns dos pensadores mais importantes do século XX em Portugal. Pretendemos apontar a novos caminhos, através de uma odisseia de descoberta de nascentes, afluentes, barragens, e os grandes estuários dos referenciais significativos do pensamento gnóstico português, atapetado e matizado em articulação com algumas linhagens esotéricas de pensamento hermético. Existe um pensamento gnóstico português? Que horizontes se lhe deparam? Que raízes e influências o suportam?

Para responder a estas e outras questões traremos à coleta princípios que estão na origem de uma possível Razão Espiritual Gnóstica, prognóstica de uma metafísica da luz, já indiciada, curso in fieri, pelo que de melhor se produziu desde a clássica cultura mística ocidental, em geral, e no pensamento poético filosófico português, em particular, até aos nossos dias. É sobre a égide da manifesta influência dos chamados pensamentos sistémico-panlogistas de influências órfico-trágicas, que trouxeram consigo uma perspectiva holística sobre as noções fantomáticas de Incriação e as suas correligionárias liberdade, imanência e transcendência e, o que é aqui de capital importância, que nos colocam no caminho de uma revisitação crítica de uma da «Razão Alquímica da Alma», que poderemos estar habilitados a repensar os seus referenciais histórico concetuais, mais ou menos cristalizados em tradições aparentemente ultrapassadas ou submersas pelo rumor ensurdecador e inquieto, mais ou menos histriónico e catastrófico, da atualidade contemporânea. Tais noções situam o problema do gnosticismo bem no cerne do acontecer do homo viator, tão iconicamente demonstrada pela situação de crise de sentido último em que atualmente vivemos, tal como acontecemos, e de que os diálogos com os autores para aqui convocados pretendem ser o modelo, “ideal”.

# O «REALISMO MÁGICO» PARA UMA REALIZAÇÃO DA VIRTUDE LUSITANA

Helga Ribeiro, (ATDL)<sup>1</sup>

## **Resumo:**

A Tradição Primordial Lusitana apresenta-se como uma Espiritualidade Filosófica em busca do sentido do agir humano, disponibilizando um caminho digno e sustentado para uma realização consciente e responsável desse mesmo sentido. Ao caminho denomina “Realismo Mágico”, ao método que possibilita trilhar esse caminho “Razão Alquímica”, por via de uma relação com a Fonte de todas as coisas e a sua compreensão profunda, o que lhe tem possibilitado a atualização e a inscrição de sentido ao longo dos tempos.

Os princípios e carácter virtuoso do povo Lusitano têm influenciado vários filósofos/autores, que se têm dedicado ao estudo da Filosofia da Tradição Lusitana, distinguindo-se Philéas Lebesgue, Teixeira de Pascoaes e Joaquim Pinto. Uma das principais fontes, para a realização deste artigo, foi o testemunho do Grande Druida da Lusónia / \ Adgnatios, Sacerdote Regular da Tradição Primordial.

**Palavras-chave:** “Tradição Primordial”; “Lusitanos”; “Realismo-Mágico”; “Razão Alquímica”.

## **Abstract:**

The Lusitanian Primordial Tradition presenting itself as a Philosophical Spirituality in search of the sense of the meaning of human acting, providing a dignified and sustained path of a conscious and responsible realization of that sense. It calls the path “Magic Realism” and the method that enables the path “Alchemical Reasoning”, through a relationship with the Source of all things and aims to its profound comprehension, which has provided the actualizing and inscription of meaning over time.

The principles and virtuous character of the Lusitanian people have influenced many philosophers / authors, of which we highlight Philéas Lebesgue, Teixeira de Pascoaes and Joaquim Pinto. One of the main sources for the realization of this article, was the testimony of the Grand Druid of Lusónia / | \ Adgnatios, Priest Regular of the Primordial Tradition.

**Key words:** “Primordial Tradition”; “Lusitanians”; “Magic Realism”; “Alchemical Reasoning”.

---

<sup>1</sup> Licenciatura, Assembleia da Tradição Druídica Lusitana, atdlusitana@gmail.com.

Iniciamos a nossa comunicação com uma citação de uma das principais fontes para a realização deste artigo, o Grande Druida da Lusónia, /\\Adgnatios, Sacerdote Regular da *Tradição Primordial* e representante da *Assembleia da Tradição Druídica Lusitana*:

«Só quando conseguirmos fazer brilhar a centelha da nossa alma, poderemos participar activamente na centelha divina: este processo chama-se a Metafísica da Luz; o modo de a realizar chama-se a Razão Alquímica da Alma, o único método que pode tornar a nossa vida num «Realismo Mágico» sob o Três Raios da Luz Branca. Fazer germinar esta Luz em nós, pela via da Razão Alquímica da Alma, permitir-nos-á viver em harmonia com a vida.»<sup>2</sup>

Não iremos, para já, discorrer a respeito dos conceitos enunciados. Começaremos por tentar apresentar a “Tradição Primordial”. Quando nos referimos a “Tradição Primordial” não nos referimos a algo meramente concreto, mas a um composto dinâmico que emergiu da Fonte Primeva da criação e que se manifesta desde os tempos imemoriais, e que ao longo das épocas se amplificou, metamorfoseou e realizou sentido. É entendida como “prática esclarecida”, pois unifica, em si mesma, um carácter Espiritual, Filosófico, Ético e Litúrgico, pelo que não pode ser confundida com um qualquer conjunto de regras, mandamentos ou imposições, pois a Tradição não nos impõe ou obriga o que quer que seja. Apresenta-nos premissas orientativas, em relação às quais poderemos decidir a nossa vida, pois todos os seus ensinamentos pretendem que tomemos consciência do nosso destino e da forma como o poderemos realizar.

A prática de uma Espiritualidade anima a uma auto-transcendência, uma superação de nós mesmos que nos possibilitará alcançar dimensões que pensávamos inexistentes ou que apenas poderiam surgir nos nossos sonhos, o que numa primeira fase implica um autoconhecimento, significando tal, a procura da razão pela qual somos e porque somos desta ou daquela maneira, excitando a uma procura do nosso sentido no Todo, isto é, *que conheçamos bem a razão do que nos envolve e certas leis do Universo, pois o mesmo princípio que está em nós está fora de nós. Nós não existiríamos sem ele*<sup>3</sup>, palavras do Grande Druida das Gálias, Philéas Lebesgue ou tal como nos diz Joaquim Pinto, em *La sabiduría celta: la luz del camino*:

---

<sup>2</sup> Uma das principais fontes, para a realização deste artigo, foi o testemunho do Grande Druida da Lusónia, o Druida /\\ Adgnatios, Sacerdote Regular da *Tradição Primordial* e representante da *Assembleia da Tradição Druídica Lusitana* (site disponível em: <http://www.atdlusitana.org/>). Doravante o seu testemunho oral será indicado com a sigla /\\DA (/\\ Druida Adgnatios) e as citações referentes à sua obra *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre* serão indicadas com VGD /\\Adgnatios.

<sup>3</sup> Cf. Philéas Lebesgue, *Mes Semailles*, L’Amitié par le livre, 1979, pp.22-23.

«a *Fonte Primordial* e originária da *Tradição Primordial* está refletida no tecido da criação. Deste modo, as suas leis, do tecido da criação, são reflexos das leis primordiais, dos princípios; reflexos que operam em dimensões distintas mas que são manifestações da mesma energia cósmica»<sup>4</sup>

Sobre a prática da Espiritualidade e já levantando o véu ao ponto axial desta comunicação declara o VGD /\\Adgnatios:

«A prática da Espiritualidade deverá ser o acto solene de desvelar tesouros ocultos do homem, na sua relação com o Transcendente, mas que implica, do mesmo modo, uma capacidade de auto-transcendência corajosa e audaz. Ao revelar esse íntimo sentir, estaremos abertos à confissão que só o Amor promove, contando-nos os seus segredos.»<sup>5</sup>

Podemos configurar, sobre tais afirmações, algumas questões, cujas respostas plasmam os fundamentos da *Tradição Primordial*: O que se entende por Transcendente? Como acontece a relação entre o homem e o Transcendente? Que tesouros se ocultam no homem? Da primeira questão iremo-nos ocupar nas linhas que se seguem, as outras duas irão ser respondidas no decorrer da nossa comunicação.

A *Tradição Primordial* apresenta-se como uma *Filosofia Espiritualista Panenteísta*<sup>6</sup> *Animista*, apresentando o modelo do *Incriacionismo*, que se liga intimamente à criação *ex-nihilo*, entenda-se a criação do Mundo por algo que se encontra fora do Mundo por si criado. O Mundo, ou Mundos, pois segundo este modelo distinguem-se o *Mundo da Perfeição Passível* ou *Mundo da Luz Branca* e o *Mundo da alteridade e fatalidade*, têm uma única Fonte onde tudo habita em potência: o *Incriado*. O *Incriado* é potencialmente perfeito, insusceptível de categorização e transcende ao Mundo que cria, nunca se confundido com este. É-nos, desta forma, impossível estabelecer uma relação direta com a Fonte de todas as coisas, pois remete para uma dimensão que não nos é possível aceder, devido à nossa condição existencial e *insemelhança essencial*; é-nos sim

---

<sup>4</sup> Cf. Joaquim Pinto, «La sabiduría celta: la luz del camino», *Sabidurías del Mundo - Mundos de la Sabiduría*, Liber Factory, Madrid, 2015, pp.51-52

<sup>5</sup> Cf. VGD /\\Adgnatios, Proémio de *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre*, Bubok Publishing, Espanha, 2016, p.x.

<sup>6</sup> Deus é Todo, fonte de possibilidade de tudo, ao que tudo está em Deus e não Deus que está em tudo; mas tudo está em Deus potencialmente, sendo Deus maior que a soma de tudo quanto existe e de tudo quanto pode vir a existir.

possível uma conexão profunda à Consciência Cósmica, Nwyre, e através desta sentir a presença do Uno Transcendente. Sobre tal assunto esclarece-nos o VGD /\\Adgnatios:

«O Incriado, o Todo, Singularidade Primeva, Munda Possibilidade, que se constitui como Unidade Primeva, Tudo, Nwyre, que é o Espírito Ordenador Universal ou a Consciência Cósmica, possibilidade emanada que possibilita a realização (passibilidade) dessas possibilidades; O Incriado é Fonte das possibilidades e Nwyre, como útero destas, é a Arqui-Passibilidade que, enquanto Espírito Dinâmico, uterina o Fluxo Energético (Espírito Universal em Ato). O Incriado, enquanto Todo-Fonte-de-Tudo, Munda Nwyre que, por sua vez, munda o Universo, por via da ativação energética elementar que possibilita a ampliação e transmutação da sua própria natureza, de modo sistemático, durável e constante.»<sup>7</sup>

Reiteramos que o Incriado nada cria, outrossim oferta possibilidade de criação, por via da libertação da Possibilidade do Nada vir a Ser, que ganha Vontade e se munda em Nwyre como Passibilidade. É Nwyre, enquanto Unidade Primeva, resultado de um ato de Amor Puro da Fonte Primeva, sendo este Amor entendido como a “libertação da Vontade do Nada vir a Ser, o que faz de si o único exercício que não corrompe a Perfeição do Incriado”<sup>8</sup>. Deste modo, enquanto puro, incondicionado e incondicional, o Amor mantém a Perfeição e a intangibilidade do Incriado. Assume Nwyre a função de Criadora, de Arqui-Passibilidade, dando as condições ou os meios que permitem a passagem da potência ao ato, por via da ativação energética elementar, permitindo a existência do Ser, pelo que todas as unidades passíveis de manifestação existencial habitam Nela. A Arqui-Passibilidade assume uma forma uterina a partir da qual a Vida é gerada, o que nos informa sobre a existência de uma partilha energética comum a todas as dimensões, podendo esta ser entendida pela “Luz”, que se manifesta por meio do Fluxo Energético Universal, numa espiral em constante movimento, distinguindo-se as frequências<sup>9</sup> com que o mesmo se manifesta nos Mundos.

Nwyre é a “Mãe-Luz”, a Consciência Cósmica, sendo filha, por via do processo emanatório, da “Luz Incriada”, a Proto-Consciência. Sendo Nwyre Mãe-Luz é mãe de centelhas, as unidades diferenciadas individuais passíveis de manifestação existencial. Nascemos na “Mãe-Luz” e a Ela aspiramos retornar, ao nos reuterinarmos Nela, já

---

<sup>7</sup> Cf. VGD /\\Adgnatios, *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre*, Bubok Publishing, Espanha, 2016, pp.46-47.

<sup>8</sup> Cf. /\\DA, a respeito do Amor.

<sup>9</sup> Entenda-se aqui *frequência* como o registo energético através do qual se manifesta algo.

enquanto perfeição passível realizada. Só a realização da nossa passibilidade, do brilhar da nossa centelha enquanto luz que é ou a concordância da nossa consciência com a Consciência Cósmica nos abrirá as portas do Mundo da Luz Branca. Compreendemos, deste modo, a dialética Consciência-Luz-centelha. Ao entrarmos no Mundo da Luz da Branca, tornamo-nos os *Serafins do Incriado*, Espíritos e Almas Nobres que se sentam no Trono do Mundo da Luz Branca, olhando a Singularidade Primeva de frente, mas sem lhe tocar, pois tal como nos diz VGD /\\Adgnatios:

«Por insemelhança essencial, os Espíritos Benfazejos e Almas Nobres não poderão aceder ao «Mundo da Luz Incriada», pois o mundo, que é mundado, não se pode confundir com aquele que Munda, impedindo assim que o Ser se dilua no Nada, pois se tal acontecesse, o Todo, O Incriado, a Singularidade Primeva, consumiria as realizações da Unidade Primeva, O Tudo, Nwyre, situação que extinguiria o Passível do Possível.»<sup>10</sup>

Caminhar para a Luz ou, nas palavras de Teixeira de Pascoaes, “a marcha do ser para o *mais perfeito*”<sup>11</sup> faz parte da Natureza humana, é esse o destino do Homem e desde os tempos imemoriais que o Homem busca o caminho e o modo de o percorrer. Caminhar para a Luz, alcançando o Mundo da Luz Branca, *Gwnyfyd*, pode ser entendido como a entrada no Paraíso, traçando aqui um paralelismo com as religiões. Temos, deste modo, a ascensão como possibilidade escatológica a ser alcançada pelo Homem, porém:

«a ascensão ocorrerá aquando se alcançar a perfeição passível inscrita em cada ser humano, por via da aquisição da Sageza. Tal permitirá, após alcançar a Felicidade por via da Verdade Libertadora (Sageza) a união da alma humana à Inteligência Universal, lugar na Vida do Mundo da Luz Branca.»<sup>12</sup>

Para tal, dizemos nós, o Homem terá de saber resolver as circunstâncias a que está sujeito no mundo da alteridade e fatalidade, *Abred*, o mundo-este onde nos encontramos, o que apela a um *autoconhecimento* e a um *conhecimento superlativo*<sup>13</sup> da

---

<sup>10</sup> Cf. VGD /\\Adgnatios, *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre*, Bubok Publishing, Espanha, 2016, p.48.

<sup>11</sup> Cf. Teixeira de Pascoaes, «*Revista Bibliográfica*», *A Águia*, n. 5, 2ª Série, Porto, 1912, p.172.

<sup>12</sup> Cf. VGD /\\Adgnatios, *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre*, Bubok Publishing, Espanha, 2016, p.63.

<sup>13</sup> Quando nos referimos a “conhecimento superlativo” referimo-nos a um conhecimento que vai para além da análise fáctica e da concepção de conceitos, alcançando aquilo que podemos designar por “reconhecimento das essências”.

realidade. Partindo do pressuposto de que realidade é tudo aquilo quanto se apresenta à nossa consciência, quando nos referimos à realidade no âmbito da Espiritualidade na Tradição Primordial, referimo-nos a dimensões abstractas ou meta-concretas, cujo alcance apela a uma auto-transcendência, não se confundindo a realidade da “coisa espiritual” e a do “sujeito espiritualizado”, mas podendo haver um encontro e concordância entre ambas.

Tais dimensões são meta-concretas a que nos referimos informam intimamente à Consciência Cósmica, à qual nos é possível ligar por meio da *Solidariedade Cósmica*<sup>14</sup> e da *Sabedoria Cósmica*<sup>15</sup>, participando conscientemente na Vida por meio da nossa ação, aspecto bem explícito por Teixeira de Pascoaes, aquando do movimento da *Renascença Portuguesa*: “O homem digno da Humanidade, sente a necessidade de acrescentar alguma cousa ao já creado: renova e dilata a Vida; não se limita, como os outros animaes, incluindo n’estes o geral dos homens, a conservar o *statu-quo...*”<sup>16</sup>. É então nossa responsabilidade dar a possibilidade a essa realidade abstrata de existir, de a tornar uma realidade que se dê à nossa consciência, contribuindo para a renovação e acrescento de sentido à Vida, bem como alcançando níveis mais elevados de conhecimento, visto que só através do alcance do conhecimento máximo é possível alcançar a *perfeição passível*.

No entanto, alcançar este Conhecimento a respeito do Mundo e a respeito do Tudo não depende, somente, da capacidade rácio-intelectiva; eleva-se como condição de excelência o Amor, pois o “conhecimento não vai sem Amor: o Princípio da vida que anima o universo é tanto Luz e Calor”<sup>17</sup>, palavras do Grande Druida das Gálias. O Amor, tal como visto anteriormente, enquanto ato puro não depende nem dá resposta a nenhum condicionalismo, não determina, não delimita, antes mais, convoca a um êxtase possibilitador de algo vir a ser mais do que aquilo que é. Podemos assim entender a Tradição Primordial como o *modo de dizer o sentido do Ser, da Vida*, tendo este sentido sido enriquecido ao longo dos tempos, pois depende dos níveis de conhecimento alcançados, mas mantendo constante o Amor e citamos o VGD //\Adgnatios, sob pena de não conseguirmos transmitir todo o sentido:

---

<sup>14</sup> Solidariedade Cósmica: saber que estamos no Mundo com os outros, que somos todos parte do Tudo e aí tornamo-nos sólidos com o Cosmos.

<sup>15</sup> Sabedoria Cósmica remete para as Leis Universais, emanadas diretamente do Incriado e inscritas no tecido da criação.

<sup>16</sup> Cf. Teixeira de Pascoaes, «*Revista Bibliográfica*», *A Águia*, n. 5, 2ª Série, Porto, 1912, p.172.

<sup>17</sup> Cf. Philéas Lebesgue, *Mes Semailles*, L’Amitié par le livre, 1979, pp. 228-229. A tradução é nossa.

«a prática da Tradição deverá ser esse contínuo «traço de Luz» que nos separará das trevas e nos elevará à condição amorosa com todos os seres que habitam a Terra. Deverá estar, acima de tudo, sustentada no Ofício da Tradição Primordial do Amor: *Tradição*, porque sempre houve diferença nos tempos, *Primordial*, porque nunca houve mudança no Amor. A Tradição Primordial é o meio através do qual o primeiro ato de Amor permanece constante ao longo dos tempos; a sua responsabilidade é, deste modo, officiar em tempos distintos a constância desse Amor. Aportar Ofício aos homens pelos tempos é amor, porque é *Tradição*; Ofício sempre unido aos homens é maior-amor, porque é *Primordial*.»<sup>18</sup>

A Tradição Primordial é, ela-mesma, fonte de várias correntes espirituais e filosóficas, quer seja daquelas que a tenham como pertença comum, de entre elas a Tradição Primordial Lusitana, quer de outras que assumiram um carácter próprio: taoísmo, estoicismo, pitagorismo... Por tal, podemos entender a Tradição Primordial Lusitana como uma linhagem tradicional, com as suas idiossincrasias que a tornam distinta das demais linhagens, mas que possui com elas uma pertença comum: a *Tradição Primordial*.

Falar de Tradição Primordial Lusitana é falar de comunidade de sentido, de um todo-modo de ser lusitano na sua forma de estar, pensar, agir e sentir, que se metamorfoseia e se atualiza ao longo dos tempos. Tal como podemos verificar pelo próprio nome “Lusitana”, que nos remete para *Luso*, ou *Lugh*<sup>19</sup> e que significa “Luz”, o povo lusitano será aquele através do qual a Luz se pode manifestar, brilhando. Não queiramos com isto dizer que o povo lusitano brilha por ostentar qualquer tipo de riqueza material, tal como fizeram os Egípcios e os Maias ao cobrirem-se de ouro, mas sendo portadores de uma riqueza e elevação espiritual, razão pela qual sempre foram tidos como um povo virtuoso e justo, cujo acontecer tão bem nos é apresentado pelo /\\DA:

«Ser Lusitano é ser virtuoso! Mas o que é isto de ser um virtuoso, no sentido lusitano do termo? Ser virtuoso é ser jorro de uma fonte que não brota deste mundo, neste espaço. É ser de outro espaço e de outro tempo... é desobedecer ao tempo, este, ao qual o Lusitano não pertence. O Lusitano torna-se insubornável ao cometer um “crime-vital”, diria, de negar um tempo que o castra na sua abrangência, por pertença outra, sob pena de abraçar a insuficiência de não poder ir a outro espaço...

---

<sup>18</sup> Cf. VGD /\\Adgnatios, *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre*, Bubok Publishing, Espanha, 2016, p.21.

<sup>19</sup> Lugh é uma das Deidades mais cultuadas na Lusitânia, mas também na Irlanda e Gália, sendo uma deidade transversal a todas as tradições com pertença à Tradição Primordial. O seu nome significa «O Luminoso» ou «O Brilhante», aquele que faz descer a Luz divina ao mundo da fatalidade.

a outro tempo...mais além do possível de si. Ser Lusitano é estar para lá do tempo e para lá do espaço. Sim, ser Lusitano é desobedecer a um tempo agrilhoante que teima em impedir a vida que se faz. Ser Lusitano é, neste viés, uma atitude de auto-imunidade contra o tempo, usando, num instante de liminaridade, o espaço-este, para aparecer, mas logo depois o negar.»

É por todo este carácter virtuoso que vários autores, fundamentalmente os integrantes do movimento *A Renascença Portuguesa*, apelaram à *alma lusitana* como aquela que iria despertar os homens do adormecimento e retirá-los da infecundidade, trazendo de novo uma era de prosperidade e luz e sobre a qual afirma Pascoaes:

«A alma lusíada precisa de completar a sua obra, dando ao mundo material que descobriu, uma nova expressão espiritual, um novo sentido religioso que o torne presente aos olhos de Deus, mais uma vez. Ela precisa, enfim, de concluir espiritualmente o que materialmente iniciou, porque a vida corpórea é o *meio*, mas a vida espiritual é o *fim*.»<sup>20</sup>

É esta vida espiritual a nova vida de que nos fala Pascoaes<sup>21</sup> ou Lebesgue, tendo este sido designado, pelos maiores pensadores portugueses da altura, como o maior Lusófilo (amante da cultura Lusitana) de sempre, sobretudo por Pascoaes. O Poeta lusitano e o Druida mantiveram uma grande amizade, vinculada e sustentada na admiração e amor que tinham pela Tradição Lusitana. Considerou o Grande Druida das Gálias que *os promotores da Renascença Portuguesa pensam que o tempo veio para Portugal para recuperar sua alma integral, não voltar para o passado, mas para criar uma nova vida, para dar sentido a todas as energias da Raça*<sup>22</sup>, e é essa nova vida espiritualizada, virtuosa e justa a única que poderá elevar o Homem à presença do divino.

A vida virtuosa e justa acontece por via das nossas ações, isto é, quando agimos em concordância em relação aos *Referenciais Primordiais*<sup>23</sup> e espelhamos as suas *formas lógicas*, o que implica um estar atento à realidade e respondendo a esta de forma responsável, sem excessos nem carências, segundo a máxima da Tradição Primordial:

---

<sup>20</sup> Cf. Teixeira de Pascoaes, *A Saudade e o Saudosismo*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1988, p.173.

<sup>21</sup> “Mas não se imagine que *renascimento* significa simples regresso ao passado. Renascer,(...) é tirar das fontes originárias da vida uma nova vida.” (Cf. Teixeira de Pascoaes, *A Saudade e o Saudosismo*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1988, p.44.)

<sup>22</sup> Cf. Philéas Lebesgue, «*Lettres Portugaises*», *A Águia*, V. III, n.13, 2ª Série, Porto, 1913, p.38.

<sup>23</sup> Entenda-se “Referenciais Primordiais” como os referenciais emanados da Luz Incriada e uteridados na Serpente Cósmica, sendo Princípios orientadores da ação humana com vista à realização do valor e alcance do Bom, do Bem e do Belo.

*fazer o melhor que se pode com as condições que se tem, até se ter condições melhores para poder fazer melhor.* Um ser virtuoso, mais do que ter a capacidade de avaliar, julgar e decidir, deverá viver de forma atenta, inteligente, razoável e apaixonada, o que implica um desenvolvimento dos estados de consciência, ou como refere a Tradição Primordial “uma evolução da sua Alma”, plasmando na sua ação os princípios e virtudes que em si habitam. Tal evolução requer um trabalho individual constante, que se efetiva na sua relação com o Outro.

A prática da Tradição Primordial Lusitana não é seguir “luzes brilhantes”, entenda-se os dogmas ou conjuntos de regras coletivas que caem no irracionalismo e que visam capturar a pessoa, mas é o percorrer de um caminho sustentado, ao qual denomina “Realismo Mágico”, através do único método possível de o resolver, a “Razão Alquímica da Alma”, sendo esta “um caminho para a atingir a «Lucidez Espiritual»”, palavras do /\\ DA.

Não esquecendo qual é o *Destino Humano*, urge, neste tempo e neste espaço, retomar o caminhar, que há muito se estagnou, em *direção a um lugar que não é uma utopia, mas um topos bem definido: o Mundo da Luz Branca*. É bem certo que a nossa sociedade não apresenta a organização das comunidades Lusitanas, já não existem líderes como Viriato, porém os Princípios da Tradição Lusitana permanecem os mesmos, porque são puros, o que alterou foi a maneira de os manifestar, de agir face a toda a contextualização histórico-cultural. Permanecendo aquilo que é a sustentação da Tradição, o que alterou foi o modo de a officiar, resultado da própria evolução da consciência humana e resultando na necessidade de uma reinscrição da Tradição Primordial Lusitana, por via da qual surgem os conceitos que são tema da nossa exposição: “Realismo Mágico”, “Alquimia da Alma” e “Metafísica da Luz”.

O “Realismo Mágico”, importa desde já referir que em nada se confunde com a magia feérica, característica do mundo encantado das fadas e gnomos, antes mais, pode ser entendido como todo o itinerário que fazemos em busca do nosso sentido enquanto individualidade parte de uma totalidade. Não se nega a realidade que se apresenta fenoménicamente, antes mais, parte da premissa de que temos a responsabilidade de nos relacionarmos de forma sustentada com tal realidade e, através dessa relação, alcançar a magia que nela se esconde. Como tal, não podemos entender a magia como a criação de uma realidade-outra carente de sustentação; a magia é o desvelar do sentido ou da essência da coisa com a qual nos relacionamos. Tal relação carece de um método, pois a essência não é algo real, no sentido de concretude, aos nossos olhos, pelo que as

ferramentas conceptuais que usamos para conhecer a realidade concreta são insuficientes, sendo tal carência resolvida pela “Razão Alquímica da Alma”. “O método da «Alquimia da Alma», usado pela Filosofia da Tradição Primordial, constitui-se em três níveis: dirige-se à memória para o seu entendimento, à inteligência para a sua compreensão e à imaginação para a sua vivência”<sup>24</sup>, afirma VGD /\\Adgnatios,

A Razão Alquímica informa a uma *plasticidade da racionalidade*, o que irá permitir alcançar uma dimensão de abstração, que se transcende para além do facto e nos possibilitará olhar para a realidade enquanto mágica. Através da “Alquimia da Alma” não ficamos presos aos estados de consciência que se relacionam meramente com o concreto, nomeando: entendimento, inteligência e razão, mas partimos do conhecimento que temos da realidade fáctica até alcançar a essência que nela está oculta e aí ocorre a transmutação da nossa alma, pois relacionarmo-nos com a essência é relacionarmo-nos com a pureza, com a beleza divina que habita em cada um de nós e que informa à nossa centelha. Ao nos referirmos ao processo alquímico, referirmo-nos ao processo de transmutação da alma que nos leva ao *valor*<sup>25</sup> e ao fazer o valor acontecer, e isto é fazer obra.

No “Realismo Mágico” verifica-se aquilo que podemos designar de concordância harmónica entre razão e realidade, pois por um lado não se captura nem se domina a realidade, o que levaria a ficarmos presos nos factos e no conhecimento, e por outro não se retira o realismo da sua concretude, o que fomentaria uma existência irracional, ou seja, não concordante com a realidade onde nos encontramos, levando-nos a viver uma ilusão. Recorremos a um exemplo prático, que nos permitirá compreender melhor tal processo, trazendo à presença o virtuoso chefe Lusitano, Viriato: Viriato movido pelo amor à sua Pátria terrena e espiritual, e pela vivência enquanto pastor, estabeleceu a tal relação mágica com o meio onde estava e onde era, desvelando e contemplando a paisagem da sua Terra-Mãe. Face a inúmeras adversidades, Viriato não se limitou aos factos, transcendeu-os, pois sempre viu o Espírito Lusitano emergir das profundezas da terra, orientando-o nos passos a dar, com vista à realização daquilo que era o seu valor: a defesa da liberdade da nação e espírito lusitanos.

Para chegar à relação com a essência das coisas e buscar no nosso interior aquilo que é o nosso valor e fazê-lo acontecer, ou seja, para que na nossa ação plasmemos os

---

<sup>24</sup> Cf. VGD /\\Adgnatios, *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre*, Bubok Publishing, Espanha, 2016, p.35.

<sup>25</sup> Valor, aqui, remete-nos para a riqueza espiritual, para os princípios orientadores inscritos em cada um, a “perfeição passível”.

princípios e as virtudes, a perfeição passível que em cada um de nós habita, é necessário percorrer um caminho, que parte do intelecto humano, iniciando no conhecimento, ou seja, quando nos debruçamos sobre a realidade e a questionamos, retirando dados e construindo aquilo que chamamos de conceitos. Porém, tal não é suficiente para conhecer verdadeiramente a coisa, pelo que a nossa consciência deverá evoluir para outros estados, podendo alcançar o nível de *Intuição superlativa ou clarividência*, ponto que nos remeterá para a *Lucidez Espiritual*. Assim, por um lado capturamos a coisa através do conhecimento e por outro a coisa foge-nos porque a sua essência não é capturável, logo é necessário um processo de transmutação, de evolução de consciência para que nos possamos entornar com as coisas e estabelecer com elas uma relação essencial livre de preconceitos. Como tal, a razão deverá ser alquímica, porque ao transmutar a razão consoante o objeto ou a pessoa é possível atribuir-lhe a forma adequada na avaliação, pois mais do que concordar com o facto concorda-se com a sua pureza, com o seu valor, aquilo que o Divino semeou em cada um para que brilhasse. A Tradição Primordial, como referido anteriormente, não se pode limitar ao carácter filosófico, uma vez que, e passamos a citar:

«A verdade da «Metafísica da Luz Incriada» não poderá ser inscrita e transmitida sem ser vivida e experimentada e essa experimentação implica uma abertura-doadora intuitiva-contemplativa, pois só assim será possível a união intuitiva em Êxtase entre o Homem e Nwyre.»<sup>26</sup>

A vivência e experimentação remetem-nos para uma *práxis* orientada para a transformação da realidade, por via do seu conhecimento, o que se efetiva através do seu carácter litúrgico, orientado para a *contemplação e o sentir profundo da Espiritualidade*. Tal prática litúrgica, em observância da Roda do Ano, é representativa dos estados de fatalidade e evolução do ser humano, ou seja, por via do “Realismo Mágico” em cada celebração somos colocados perante um determinado enquadramento energético, de forma limpa e pura, que nos conduz a um diálogo interior e simultaneamente transcendente, através do qual nos será possível compreender o verdadeiro significado e importância dos ciclos naturais na nossa vida. Esta compreensão, nestes momentos de *doação-receção-união* a Nwyre, não ocorre através dos processos rácio-lógicos, mas pelo sentimento puro. E diz-nos Joaquim Pinto:

---

<sup>26</sup> Cf. VGD //Adgnatios, *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre*, Bubok Publishing, Espanha, 2016, p.65.

«Nesse profundo sentir, poderá fruir da paz e elevar-se-á na suave brisa dos tempos e encontrará a íntima luz que em si germina. Partirá, depois, no seu agir, confiante de que no momento em que atingir o ardente umbral da sua verdadeira essência, alcançará, no amparo divino, uma asa perfeita para poder voar em harmonia na vida.»<sup>27</sup>

Só sentindo verdadeiramente a ação do Espírito Universal em nós o processo de transmutação poderá acontecer. Será, assim, por via do “Realismo Mágico” que a nossa Alma se prepara para o recolhimento no período frio e sombrio do inverno, para o florescimento na primavera e para todos os outros processos inerentes à ciclicidade das estações, sob pena de diluição do ser. A diluição ocorre quando não se alcança a *Sageza*, de que nos fala o *\\DA*, ao que o ser se torna um composto indefinido, não concordante com o Fluxo Energético Universal, logo, não reconhecido pela Mãe-Luz, a Consciência Cósmica.

Surge, também, da prática litúrgica a íntima relação com os Deuses ou Deidades, surgindo estes como guias ou orientadores deste nosso caminhar. Eles são, de certo modo, um intermediário puro nessa relação profunda com Nwyre, visto terem realizado o seu valor em *Abred*, o fazer brilhar a sua centelha, ascendendo ao Mundo da Luz Branca. Não se confundem com o Uno Transcendente, pois não comportam em si a *Perfeição Total potencializadora*, comportam somente uma dada dimensão da perfeição realizada, orientando-nos, precisamente, na realização da dimensão que a si informa.

Será através desta íntima relação com os Deuses que o Homem toma a verdadeira consciência do seu destino, *pois a Consciência nasce com os deuses, com a Revelação*<sup>28</sup>, afirma Lebesgue. Tal revelação só acontece quando o ser alcança um estado de consciência porosa, aberta à realidade transcendente, com a qual possa estabelecer um diálogo dinâmico e transmutador, com vista à concordância harmónica.

Entendendo o Homem como um composto *Corpo-Alma*, podemos nos referir ao “Realismo Mágico” como o caminho para a cura, no seu verdadeiro sentido, não aquela que ilusoriamente nos é dada por inúmeras terapias (se é que possam ser assim chamadas, nos nossos dias, pois mais não fazem do que neutralizar as queixas ao invés de cuidar do paciente). A verdadeira cura não se limita à substância, à realidade

---

<sup>27</sup> Cf. Joaquim Pinto, «La sabiduría celta: la luz del camino», *Sabidurías del Mundo - Mundos de la Sabiduría*, Liber Factory, Madrid, 2015, p.50.

<sup>28</sup> Cf. Philéas Lebesgue, *Mes Semailles*, L’Amitié par le livre, 1979, p. 241.

concreta e fáctica: o corpo; dirige-se fundamentalmente à essência, o *dado radical vital* que deverá ser realizado na nossa vivência, fomentando uma concordância harmónica entre ambas as dimensões. Tal é conseguido por via da “Razão Alquímica”, como explanado anteriormente, pois por esta via alcançamos a verdade das coisas, alcançamos aquilo a que os gregos chamam de *Alethéia* (a desvelação), o que nos leva à resolução de conflitos de diferentes índoles (éticos, de sentido, psicológicos...) e, conseqüentemente, a colocarmos um ponto final a inúmeros preconceitos, o que nos potencia estados de *Ataraxia*, entenda-se, estados de imperturbabilidade que não nos desviam do caminho a seguir, fomentando níveis de maior clareza em relação às coisas. Tais resoluções irão possibilitar a nossa vivência de forma autêntica e genuína, o mesmo será dizer, de forma verdadeira e viver em e na verdade é viver sem angústia, pois não nos falsificamos nem falsificamos a realidade onde estamos inseridos. Viver sem falsificações possibilitar-nos-á encontrar o nosso sentido no Mundo e acompanhar o Fluxo Energético Universal de modo harmonioso. Todo este processo alquímico é a chave para o restabelecimento da saúde, nos seus distintos aspetos, sendo tratamento curativo, em caso de doenças já desenvolvidas, ou profilático.

Temos, também, em todo este processo uma via sustentada para a *construção identitária do sujeito*, tendendo para uma concordância entre *carácter e personalidade*. Muitas vezes, erradamente, estes conceitos confundem-se: a personalidade constrói-se enquanto resultado da nossa ação face às nossas circunstâncias; o carácter é inato, natural, sendo entendido como o conjunto de *marcadores identitários* inscritos em cada um, que nos orienta nas nossas decisões, o que nos remete para uma certa resistência à mudança. É, precisamente, através do carácter que estabelecemos a relação com os Referenciais Primordiais, os quais se encontram inscritos na Consciência Cósmica. Deste modo, numa primeira fase, teremos que descobrir o nosso carácter, seguida de uma ação concordante face ao mesmo, ou seja, a nossa personalidade deverá plasmar aquilo que são os nossos princípios, pois estes são a inscrição dos Princípios Universais. Será, assim, a proposta do caminho do “Realismo Mágico” a descoberta daquilo que da Consciência Cósmica habita em nós e, como tal, nos é semelhante em essência, e ao qual deveremos responder, sob pena de não viver ou como nos diz, tão poeticamente, /\\DA para melhor compreensão:

«Deveríamos exigir de nós, em cada passo, o desvelar próprio dessa beleza-doadada e recebida para doar. Esta beleza-doadada revela-se ao olho-subtil que a desvela e que assim cuidará, para que jamais padeça, se extinga, mas, outrossim, que se renove.»

Chegados a este ponto, preparamo-nos para concluir a nossa comunicação, compreendendo a nossa citação inicial: a “Razão Alquímica” é o único método que nos possibilita realizar a observância da Luz Incriada, não de forma direta, mas através da participação consciente e ativa na Consciência Cósmica, por via da transmutação da nossa alma, o que nos possibilitará alcançar o portal que nos permitirá entrar no “Mundo da Luz Branca”: a “Metafísica da Luz”. E alcançar a “Metafísica da Luz” é desvelar os mais profundos segredos da Natureza.

## REFERÊNCIAS

LEBESGUE, Philéas. «Lettres Portugaises», *A Águia*, Porto, V. III, n. 13, 2ª Série, 1913.

LEBESGUE, Philéas. *Mes Semailles*. L' Amitié par le livre. 1979.

PASCOAES, Teixeira. *A Saudade e o Saudosismo*. Assírio & Alvim. Lisboa. 1988.

PASCOAES, Teixeira. «Revista Bibliográfica», *A Águia*, Porto, Nº 5, 2ª Série, 1912.

PINTO, Joaquim. «La sabiduría celta: la luz del caminho», *Sabidurías del Mundo - Mundos de la Sabiduría*, Liber Factory, Madrid, 2015.

VGD /\ Adgnatios. *Opúsculo Teogénico Dos Caminhos (In)Criados de Nwyre*, Bubok Publishing, Espanha, 2016.

## O GNOSTICISMO AGNÓSTICO EM ALBERTO CAEIRO

Joaquim Pinto<sup>29</sup>, (US\IFLB9

### Resumo

Assume, este nosso artigo, ser uma humilde tentativa de realizar uma sistematização filosófica em torno do agnosticismo gnóstico de Alberto Caeiro, partindo do seu famoso conjunto de poemas intitulado *O Guardador de Rebanhos*<sup>30</sup> e com maior incidência nos poemas «Só a Natureza é Divina» (XXVII) e «Num Dia Excessivamente Nítido» (XLVII). Sofrem deles coleta, principalmente e com vista a desenvolução, as noções de: “Natureza”, “Divino”, “Todo”, “Nada”, “Existência” e “Essência”.

**Palavras Chave:** Alberto Caeiro, Agnosticismo, Gnosticismo, Natureza e Incriação.

### Abstract

This our article assumes to be a humble attempt to pursue a philosophical systematization around the gnostic agnosticism of Alberto Caeiro, starting from his famous collection of poems entitled *O Guardador de Rebanhos* and with greater incidence in the poems "Só a Natureza é Divina" (XXVII) and "Num dia excessivamente Nítido" (XLVII). We will mainly develop the notions of "Nature", "Divine", "All", "None", "Existence" and "Essence".

Keywords: Alberto Caeiro, Agnosticism, Gnosticism, Nature and Increation.

---

<sup>29</sup> Doutorado em Filosofia, investigador do CEFi – Centro de Estudos de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa; investigador no IFLB – Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, membro investigador colaborador integrado no CIDEHUS.UE - Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora; investigador no Departamento de Metafísica y Corrientes Actuales de la Filosofía, Ética y Filosofía Política da Universidade de Sevilha - projeto «experencialidad» (HUM 968). Alguns contactos institucionais: [joaquim.pinto@fch.lisboa.ucp.pt](mailto:joaquim.pinto@fch.lisboa.ucp.pt), [japinto@uevora.pt](mailto:japinto@uevora.pt), [joaquim.pinto@uevora.pt](mailto:joaquim.pinto@uevora.pt).

<sup>30</sup> Fernando Pessoa, «O Guardador de Rebanhos», in *Poemas de Alberto Caeiro*, Lisboa, Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

## 1. Contextualizando

XXVII

«A Natureza é partes sem um todo.  
Isto e talvez o tal mistério de que falamos.»

XXVII

«Só a Natureza é divina, e ela não é divina.»

Alberto Caeiro

Sem profissão ou portador de uma qualquer «indigesta» educação, arredia das humanidades, o poeta do campo, Alberto Caeiro, vem ao mundo, segundo reza uma carta endereçada por Fernando Pessoa a Adolfo Casais Monteiro, em Lisboa, decorria o ano de 1889. Caeiro, em esteira comum a Agostinho da Silva, nasceu para conciliar, não padecendo, portanto, desse horrível castigo aplicado pelo mundo a cada um de nós e que nos impede de fazermos tão-somente aquilo que desejamos. Nasce, dizíamos, então, este Alberto, sobrenomeado de Caeiro, livre da camuflagem psicológica que amiúde nos derrama para tragédia da neutralização ou redução ontológica, qual movimento catabático que priva a ascense e instaura conflito no consigo-próprio de cada um.

Caeiro, «Guardador» que conduz a graus outros de consciência, prioriza o sentir ao pensar, derrubando fronteiras e agrilhoamentos, constrangimentos e sujeições na procura da plenitude ôntica do acontecer humano. “Pensar é estar doente dos olhos”, diz-nos, em clara alusão a um sujeito gnóstico que caminha só, na sua íntima inquietude, indigente, perdido e insular na imensidão dramática da sua *cela primeva*. Neste (trans)anímico itinerário «contra-metafísico» pessoano, Caeiro, o Mestre, torna-se então mediador de justapostos, ante-contrapostos e de correlatos ôntico ontológicos no fazer e dizer do «si-mesmo».

Portal do íntimo desse «assim-dizer» de uma ante-consciência panentaísta, ouvidor de palpitações profundas, Caeiro, na esteira de Poe, promove uma *liberatione* profunda, espargindo liberdade passível por via de uma latência passível, pura e obstetra, parturiente de «si-mesma», qual «órgão espiritual» animado que apenas se torna intuível por viés perscrutação, em «alma-una» e numa natureza *ante predicativa* que não “deixa rasto”. A livre e descomplexada ingenuidade do Mestre, apregoa-se naquela criança que responde aos “porquês da vida” de forma livre e genuína: “porque sim!”. Quem nos dera poder responder simplesmente “porque sim”... mas não podemos... ainda!

Livre por não ter coisas, livre por não ter pessoas e, até, por não se ter assim como se dizem os tidos; frágil no corpo, mas corajoso e indomável de espírito, no combate pelos seus ideais utópicos, em Caeiro habita um paroxismo mântrico, que, aliás, é transversal a toda a «hetero-ortonímia» pessoana. É esta di-paridade, qual oxímero hemorrágico, e este paroxismo auto-libertador, que exala, qual *sumptuoso bafo*, por toda a poesia de Caeiro, os justificantes do nosso tema.

É, então, sobre a égide do poeta de um presente «assim vivido» que tentaremos sistematizar filosoficamente, e aqui vos apresentar, uma proposta de resolução desta aparente antinomia: gnosticismo agnóstico – profunda intuição ou realidade impossível, segundo a qual se contempla o êxtase da essência que é porque «aí está» e livremente se doa... estando e sendo. Procuraremos situar, então, os processos e travejamentos que nos possibilitem o desvelar desta «Natureza Mistérica», ou «Alquímica», ou espiritual\natural ou uma «Metafísica da Luz Incriada» em Alberto Caeiro.

## 2. Uma Aproximação Primeira

É como se dela se dissesse que é fonte «Fonte Primeva», Natureza Incriada, mas refletida e inscrita no tecido da criação. Inefável, a quem o dizer não acompanha, e que só por via de uma reflexão originária, aparentemente singular e ao mesmo tempo complexa, se poderá eventualmente contemplar. Tal reflexão incita-nos a perscrutar outras vozes que se manifestam, e sempre se manifestaram, como que num cintilar por ela espargido, ou rarefações interferentes na mesma, às quais outorgamos o devido reconhecimento de um «gnosticismo agnóstico».

Se, por um lado, nos focarmos apenas numa busca da verdade pela luz natural da razão, via gnóstica que também sustenta práticas afetas à instauração e instituição de algumas unidades gregárias e os seus modos de dizer e fazer de si, com as suas idiossincrasias, alcançamos aquilo que é comumente denominado de Tradições Panteístas; por outro, temos a natural e irrestrita necessidade, que também se pretende incessante, da observância, pela *Razão Alquímica* da Luz Incriada do Espírito Universal, quer como *momentum* cura, ou terapêutico, do humano, quer como participantes ativos na inteligência cósmica. Esta consideração *princípial*, por certo até um pouco mítica, assumamos, no que se refere aos relatos de origem acima descritos, não informa o propósito do alcance dessa «Luz Incriada», isto é, da inteligibilidade dessa Luz, algo que se encontra vedado à razão humana, mas, outrossim, ao acompanhamento de uma

latência Incriada como outra Luz, esta sim, que nos orienta desde a primeira noite dos tempos. É aqui que residem os fundamentos, ou princípios aliados, de uma Tradição Panenteísta, no sentido em que, mesmo que diferentemente, *todos somos bolhas de água que nascem e se desmancham*, quais reflexões imanentes dessa Natural e Divina Incriada Criatriz: a Natureza.

Se, para os antigos, aquela presença da «Luz Incriada» como que decantava ou emergia das trevas como treva-outra distinta, numinosa e Luminosa, «presença-primeva-centelha-fonte», hoje a responsabilidade é maior, para os *Faustos dramáticos*, pois é necessária a busca do puro sentimento que habita nos reinos interiores da alma, a conexão à unidade ideal da Consciência Cósmica e à presença do Transcendente. É óbvio o desnível existente nesta relação enigmática entre estes pólos dinâmicos, a criatura e uma, chamemos-lhe, Natureza Criatriz, nesta doce e incessante procura pelas dimensões mais profundas dos segredos da do Espírito e que o seu discorrer próprio nos possibilita. Como tal, e por tal, necessitamos de sair desta “escuridão” gradual que habita em “caverna humana” e sermos, num dia não *excessivamente nítido*, o olhar madrugador e a presença lúcida da criatura num mundo que habita no seio da Natureza.

### **3. A Filosofia Ôntico-Gnóstica e Onto-Agnóstica da Poesia de Alberto Caeiro ou os dois rostos de Janus**

Não iremos, como já se entreviu pelo título deste trânsito meditativo, trazer à colação qualquer género de análise filosófica da poesia, *per factum*, de Alberto Caeiro, tampouco desvelar aspetos *aistéticos* da mesma, apetências de outros doutos, vamos, outrossim, tentar retirar alguns escolhos do patente hermetismo sistémico da sua filosofia poética e tentar vertebrar o arquétipo filosófico que a sustenta, isto é, procurar compreender que Mundo e sentido são estes em que habitava Caeiro

É por via da mundação no mundo e o modo como no mundo se mundam os seres mundados, isto é, pelo mundo e os seus seres, e o Universo em que estes constam, que são estes assim possibilitados de passibilidade de existência, por via de intangível ato livre, benfazejo e puro, do qual resulta esta possibilitação energética patente na Natureza de Caeiro. Intui-se, pois, o homem, criatura mundada, em condição dramática de si, ser finito e em trânsito ...sujeito à fatalidade.

Esta «ante predicação» primeva aponta ao modo como a Natureza Munda possibilidade por via de uma esquizogénese, facilmente entrevista em Pessoa, processo, aliás, que deu

origem à sua ortoheteronomia. Se o resultado desta gênese nos afronta a um natural paroxismo, no sentido da existência de uma entidade Arqui-passível que em si ancila a possibilidade do ser ser realizado ou existenciável, isto é, suscetível, por criação e geração, de adquirir existência, poderemos inferir a existência de uma Natureza Incriada que se insta como garante de que essa possibilidade não se extingue, pois que esta está contida em Si, uma vez que é Arqui-possibilidade ou Fonte Primeva da possibilidade passível. Estabelece-se, então, aqui a residência de uma dimensão agnóstica da filosofia poética de Caeiro: se por um lado temos a Natureza como «dimensão-sua» presentificada ao ente consciente, isto é, como Tudo ou Unidade Primeva; por outro temos a Natureza Incriada, o Todo, ante consciência predicativa transcendente ou Singularidade Primeva que Munda Possibilidade e que, por via da vontade se constitui como Unidade Primeva, Tudo: Natureza Criatriz e sua obra, Natureza Criada. É este Espírito Ordenador Universal ou Consciência Cósmica que possibilita a realização (passibilidade) das possibilidades; a Natureza Incriada é a Fonte das possibilidades e a Natureza Criatriz o útero dinâmico destas. A Natureza Criada, o Tudo em constante geração, enquanto Espírito, uterina o Fluxo Energético (Espírito Universal em Ato); a Natureza Incriada, enquanto Todo-Fonte-de-Tudo, Munda Arqui-passibilidade de criação que, por sua via, se munda em Universo. Por via de uma auto-ativação energética elementar possibilita a Natureza Incriada a ampliação e transmutação da sua própria essência, de modo sistemático, durável e constante, sendo o Universo o delimitador do passível de vir a existir por via das balizas «Ser e Nada», antes e após as quais consta o reino da Incriatura, ou Mundo da Luz Incriada. O Arqui-passível é o meio pelo qual o Nada pode Ser, isto é, a possibilidade transversal que coimplica e liga o Nada ao Ser e o Ser ao Nada. A Natureza Criada resulta em equivalência passível realizada em ato do passível da Natureza Incriada. Neste sentido, os humanos são unidades diferenciadas por realizar, isto é, múltiplos manifestos da Unidade Primeva, do Tudo, em ato, que se perseguem no caminho de ascensão ao Mundo, chamemos-lhe, da «liberdade perfeita», por via de uma realização benfazeja, dimensão em que as balizas «Ser e Nada» se fundem num portal através do qual, e por via do passível já realizado (i.e., ponto de liberdade alcançado), retornarão à sua «Raíz Primeva». Pauta-se, então, o mundo da Natureza Criada, por uma insemelhança essencial em relação à Natureza Incriada, pois o mundo, que é mundado, não se pode confundir com o que o Munda, impedindo assim que o Ser se dilua no Nada, pois se tal acontecesse, o Todo, a Singularidade Primeva, consumiria as realizações da Unidade Primeva, situação que

extinguiria o Passível do Possível. Este gnosticismo agnóstico ou, chamemos-lhe, teoria do Emanacionismo Incriacionista em Alberto Caeiro encerra, assim, um carácter único, no sentido em que prevê, por meio da satisfação da realização essencial de cada ser, o retorno da sua Alma à sua Raiz Primeva.

Este Emanacionismo Incriacionista faz inferência a uma entidade Incriada como Auto-possibilidade de Si Mesma, que pela sua percipiência se emana em Unidade Primeva ou Natureza Criatriz, entidade mediadora entre a Incriatura e a Criatura. Toda a criação poderá ser entendida em Alberto Caeiro como uma possibilidade libertada a realizar. Neste sentido, se considerarmos o Amor como a Libertação da Vontade do Nada vir a Ser e o exercício livre dessa mesma vontade, poderemos entender a Filosofia de Caeiro também como uma Filosofia do Amor, na qual se entrecruzam e intuem os pressupostos fundamentais de uma «Metafísica da Luz Incriada» ou de uma Essência Criatriz resultante do puro pensamento da Natureza Incriada sobre Si mesma. Desta Sua auto-reflexão, dizíamos, resulta o Intelecto Ordenador e deste, por sua vez, a Inteligência Ativa Vital Primeva, que permite a geração do «Tudo-Possível» que se encontra ordenado e inscrito como e no Tecido da Criação, isto é, no Fluxo Energético Universal. Deste modo, o Fluxo Energético Universal apresenta-se de forma Trina: Consciência, enquanto Unidade Primeva, Intelecto, enquanto princípio Ordenador, e Inteligência Ativa, porquanto que gera tudo quanto existe. Admitirá, esta Filosofia, o homem como um composto consubstanciado e indissociável Alma-Corpo unido pela Mente, e que após a morte, ou desconsustanciação, isto é, quando a mente deixar de conseguir manter a substância composta, a Alma, sujeita ao retorno, dependendo da realização ou não da unidade humana, regressará ao Intelecto Ordenador, aspeto Espiritual ou incorpóreo da Natureza, e o Corpo retornará à Inteligência Ativa, aspeto corpóreo da Natureza?

Percebemos que não é a Natureza Incriada que concebe ou que cria, pois «emanação» não convoca necessariamente criação, mas possibilitação de passibilidade. A emanação, em Alberto Caeiro, poderá ser tida como um eterno processo libertador de possibilidade, mas que implica a ausência de conceção ou geração por parte da Fonte-Emanatória. Tal fato concorre para demonstrar o que acima referimos, que a Natureza Incriada é dissemelhante da criação e absolutamente transcendente, daí o agnosticismo em Caeiro. A solução, para este problema, reside na afirmação da existência de uma dimensão intermediária entre a Natureza Incriada e a Criação, que possibilitaria o exercício da Vontade do Nada vir a Ser, e que acima designámos como Natureza

Criatriz. Ora, considerando a Vontade do Nada vir a Ser, este entendimento da Filosofia de Caeiro garantiria uma criação livre, voluntária e intencional pela Unidade Primeva, afastando qualquer tipo de *necessitarismo* ou criação acidental. A necessidade não informa a criação, aquela vem depois, aquando do caminho de realização no mundo dos seres nele mundados.

No entanto, é este estado permanente de nadificação que permite constância em perfeição à Natureza Incriada, por via da harmonização e neutralização do devir aos contrários, suspendendo-os em inércia e manutenção da potência. A Natureza Incriada, neste sentido, torna-se Todo por via do Nada, uma vez que encontra instaurada uma permanente autossuficiência; a Natureza Criada torna-se Tudo por via da passibilidade do Ser. Porém, cabe-nos agora explicar a razão dessa Criação mediada pela Arquipassibilidade, que é dos processos mais complexos que a mente humana algum dia poderá alcançar, pois trata-se de um processo quântico de emanção que, por vontade e força divinas, possibilita o Nada vir a Ser, isto é, à possibilidade de existência de compósitos forma-matéria: a Natureza Criada em Fluxo Energético Universal. Não obstante esta inércia harmoniosa dos contrários, que é garante de estado de perfeição da Natureza Incriada, é importante ter em conta de que falamos aqui de um estado constante de um potencial essencial eternamente latente, que por vontade desperta e por motricidade se pode vir a realizar. Esta Emanção esquizogénica em momento algum fere o referido estado de perfeição, pois o que é emanado não é necessariamente replicado, sendo que o mundo mundado é isso mesmo, outro mundo, o mundo dinâmico que permite o Ser vir a ser a partir do Nada libertado por emanção como possibilidade de ser, isto é, emanado como Mundo passível de ser criatura e não Mundo Incriado. O que é emanado é a possibilidade do Nada vir a Ser e não o Nada nem o Ser, pois, caso assim fosse, o Nada impediria o Ser de vir a ser. Neste Sentido, podemos dizer que no Mundo Incriado, o Nada, é e está perfeito como Nada, nada se lhe podendo ser deduzido, sendo, por esta inerência, o Todo, isto é, ao qual nada se lhe pode acrescentar, pois que é potência latente de Tudo, o que nos resolve o problema de uma suposta razão de grandeza, no sentido em que por muito que o Tudo seja «tudo», em ato, o Todo, como potência, terá sempre o poder de o subsumir, uma vez que a possibilidade infinita do Todo será sempre maior que passibilidade do Tudo. O Tudo faz-se por via do Ser passível, o Todo é a possibilidade infinita do Nada vir a ser. A “passagem” do Nada, como possibilidade emanada, para o Mundo do Ser, resulta precisamente desse amor primevo, isto é, libertação e exercício da vontade do Nada vir a ser em ato o que é em

potência de ser, isto é, Tudo. A Natureza Incriada, ao emanar a possibilidade, presentifica-se como passibilidade, isto é, o passível do possível: é por via desta passibilidade que se possibilita a criação do Ser passível. Todos os seres resultam desta relação primeva, todos são aspetos transitórios do passível de ser gerado.

Neste sentido a Criação resulta do exercício da vontade de ser possível ser, de querer ser por via da passibilidade onde o Nada pode vir a ser. Apresenta-nos, esta árvore da Criação, proposta para Caeiro, duas raízes fundamentais: a Matéria e a Forma, sendo que é a partir delas que tudo quanto existe é gerado, logo, tudo é constituído por matéria e forma, com exceção da Vontade e da Unidade Singular. Não obstante, harmonizadas, a Matéria e a Forma subsistem enquanto potência na Unidade Singular, sendo que da sua união e da sua manifestação em ato ocorre, por ação da Vontade Incriada, na Unidade Primeva, que gera os múltiplos, Intelecto Ordenador e Inteligência ativa. Percebemos agora porque podemos entender a Natureza Incriada como o Tudo-Fonte-de-Tudo e a Natureza Criatriz como a origem da criação, sendo que o primeiro ato de criação ocorre na união entre Forma e Matéria: o início da Vida, e do sentido cósmico.

Através deste modelo, esta proposta filosófica, demonstra-nos a razão da dissemelhança entre o Mundo da Criação e o Mundo Incriado, pois este é infinito, ilimitado e absolutamente Todo, uma vez que o Nada não admite em si qualquer diversidade, enquanto o Tudo, que é criado, por via da Natureza Criatriz, é finito, delimitado e contém em si a diversidade, por ser composto pelos dois princípios em passibilidade, a Matéria e a Forma. Se bem que o hilemorfismo é comum a muitas teorias, nesta proposta a Caeiro, os conceitos de Matéria e Forma adquirem um sentido diferente. A Forma aqui assume dupla aceção, pois enquanto Forma que reside em se fundeia no Intelecto Ordenador, a sua natureza é permanente e imutável: a Forma Universal das formas passíveis, pois o Intelecto Ordenador é uma Forma Universal, o que a liberta da afetação da necessidade e da fatalidade, como acontece com outras formas. Isto dá-nos uma distinção clara entre a existência e a essência das coisas, pelo argumento de que a Forma e a Matéria não podem interagir sozinhas e, por si só, gerar o movimento, nem conceber a própria existência. A existência tem origem numa causa que necessariamente coloca em relação a essência e a existência. Somente por essa via a causa das coisas que existem pode coexistir com os efeitos. A Matéria, também como integrante do Intelecto Ordenador, é uma matéria etérea, o que evita o dualismo entre o espírito como algo completamente transcendente e a matéria como mera combinação substancial da matéria e forma.

#### 4. Conclusão

Como tal, e em esteira de conclusão, entendemos a filosofia de Caeiro como uma Filosofia Espiritualista Panenteísta Animista e segundo a qual existe uma Natureza Incriada que não Cria, mas tudo quanto é gerado (ou criado), por via da Natureza Criatriz, está contido nela, não em ato, mas em potência. Razão perfeitamente lógica, pois tudo o que foi dito concorreu para sublinhar que o Ato de Criação é algo passível que a Natureza Incriada possibilita por emanção da sua Potência, do seu Possível. A Natureza Incriada, como Todo, comporta em Si a potência de Tudo poder vir a Ser. A Natureza Criatriz gera Tudo o que é Passível de Ser. Mantendo esta relação, verifica-se que o Mundo Superior da Natureza comporta em si a potência do Mundo Trinário da Natureza Criatriz e que cada uma destas dimensões são dimensões passíveis do possível, dimensões – ou mundos, se for mais fácil de entender – que se constituiriam em ato por meio da emanção do Possível uterinado, como Passível, pela Natureza Criatriz, pelo que se poderia seguramente afirmar que a Natureza Incriada é o Todo, mas, por via da sua dissemelhança, não é o Tudo; e o Tudo, pela mesma ordem de razão, não é o Todo, mas nele consta por via da possibilidade. Se entendermos esta Filosofia apenas de um ponto de vista da relação com a Natureza Incriada, temos um agnosticismo em Caeiro; se entendermos esta Filosofia de um ponto de vista da relação com a Natureza Criada, aspeto presentificado da Natureza Criatriz, temos um gnosticismo em Caeiro: da junção de ambas resulta um agnosticismo gnóstico, pois há algo que se presentifica à gnose, mas sendo transcendente o seu fundamento.

## **REFERÊNCIAS**

Fernando Pessoa, «O Guardador de Rebanhos», in *Poemas de Alberto Caeiro*, Lisboa, Ática, 1946 (10ª ed. 1993).

Fernando Pessoa, *Primeiro Fausto*, Lisboa, Atlântico Press, 2015.

José Flórido, *Conversas Inacabadas com Alberto Caeiro*, Lisboa, Pergaminho, 1987.

## PASCOAES MESTRE DE UMA TRADIÇÃO GNÓS(T)ICA LUSITANA?

Luísa Borges, (CEFI)<sup>31</sup>

### Resumo

Que é gnosticismo lusitano? Que autores o integram? A partir da Cultura Portuguesa do início do século XX, procuraremos as raízes manifestas desta *tradição* na obra de Pascoaes, na revista *A Águia*, no movimento da *Renascença Portuguesa* e na sua continuidade com aquilo a que Pessoa chamou *panteísmo transcendentalista Português*, ou a criação de uma *Weltschauung* (mais do que uma *visão do mundo*, uma *mundivivência mundividência*) portuguesa, original. Revisitaremos a polémica com Sérgio (religiosa, filosófica); as relações com Junqueiro e Pessoa; relações com as correntes gnósticas peninsulares; alguns dos *exemplos* do *panteísmo saudosista* do *pampsiquismo ascensional* de Pascoaes, indagando da sua possível filiação numa tradição panenteísta. Iremos abordar a especificidade da escrita de Pascoaes no que à Saudade respeita, enquanto *nova religião* ou princípio (dis)solvente e coagulante de *paganismo* e de *cristianismo*, no âmbito paradoxalmente singular e universalizante da sua obra.

**Palavras-chave:** *gnósico, panenteísmo, Saudade.*

**Abstract:** What is Portuguese Gnosticism? What authors to integrate? From Portuguese Culture in the early 20th century, we will seek to clear the roots of this *tradition* in the works of Pascoaes, the magazine *A Águia* and the *Portuguese Renascença* movement, their continuity with what Pessoa called the *Portuguese transcendentalist Pantheism*, or the creation of an original portuguese *Weltschauung* (more than a *vision of the world, a way of living*). We will revisit the controversy with Sérgio about the Saudosismo (in religious and philosophical grounds); the relations within Junqueiro and Pessoa, Gnostic peninsular currents; and some of the most meaningfully Pascoaes' texts on Saudosista Pantheism searching for their belonging to a *panentheist tradition*. We will approach the specificity of Pascoaes' work in what concerns the portuguese Saudade as a *new religion* and as a double solvent and coagulant principle of *Paganism* and *Christianity*, its singularity and universality.

**Key-words:** gnostic, panenteism, Saudade.

---

<sup>31</sup> Doutorada em Literatura Portuguesa (pela Universidade de Letras de Lisboa), investigadora do Centro de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

A obra de Teixeira de Pascoaes é acerca da descrição de uma *paisagem emocional*. Nesta noção encontram-se homologados os termos *alma*, *alma portuguesa* e *Saudade*, através de um particular entendimento do que significa o sentimento da *piedade lusitana*. Este sentimento pressupõe, não apenas a noção de *simpatia*, como a de *empatia* em relação ao Todo que a Natureza configura. Este entendimento da Natureza supõe dois aspectos. Primeiro: que tudo o que há é, efectivamente, Natureza. Segundo: que o conhecimento da Natureza é uma *vivência* ou uma *visão* do mundo ou mesmo, uma *vidência* (na acepção Pessoa de destes termos) e, por essa razão, uma gnose muito particular e original no contexto da teologia e da filosofia ocidentais. A nossa reflexão tem assim por objectivo, responder à questão formulada pelo seu título: será Pascoaes o Mestre de uma Tradição Gnóstica Lusitana?

Para iniciarmos a nossa reflexão, importa dilucidar o que entendemos por gnóstico e se pelo uso deste termo implicamos, de algum modo, a noção de gnóstico. Se por gnosticismo entendermos o conjunto heterogéneo de movimentos religiosos dos primeiros séculos do cristianismo, considerados heréticos que mesclavam misticismo, sincretismo religioso e correntes filosóficas, mormente, princípios helenistas místéricos, eleusinos, órficos, pitagóricos e neo-platónicos; para podermos dar o nosso acordo a esta influência na obra de Pascoaes, teremos dela afastar correntes gnósticas, tais como seitas como a dos *encratitas*, por duas ordens de razões. Primeiro porque a influência atribuída aos *encratitas* (que professavam um ideário dualista radical, não aceitavam as epístolas de São Paulo, excluía o casamento, identificavam o feminino com o Mal...) se faz sentir, sobretudo na Ásia Menor, depois porque o seu ideário os afasta radicalmente de Pascoaes. O fascínio de Pascoaes pelo apóstolo Paulo é atestado não só pela perspectiva crítica contida no seu romance hagiográfico e biográfico *São Paulo*, como cremos que, sobretudo, pela similitude entre A Palavra de ambos que identificamos na conferência *Da Caridade* de Pascoaes e nas epístolas do Apóstolo (notavelmente na I Carta aos Coríntios, 13). Por outro lado, a figura do *casamento* ocupa lugar de destaque nas obras de Pascoaes. Já noutra lugar<sup>32</sup> se glosaram as similitudes e diferenças entre Pascoaes e algum pensamento gnóstico. Tão só aqui apenas sublinhamos que a importância e as referências que o próprio Pascoaes faz a esta tradição se prendem com o contexto específico geográfico cultural e religioso

---

<sup>32</sup> Luísa BORGES, *O Lugar de Pascoaes. Epifanias da Saudade Revelada*, Porto, Caixotim, 2005, pp. 323-330; notas 24 e 25, pp. 360-361; pp.373-374.

peninsular e, talvez portanto, com alguns princípios do priscilianismo e do catarismo<sup>33</sup>, em particular. Importa, de igual modo, ter sempre presente a afirmação maior da existência de marcas gnósticas, feita por António M. Feijó na sua introdução a *São Jerónimo e a Trovoada* de Pascoaes. Esta afirmação deste estudioso constitui também a sua mais eloquente refutação: “Pascoaes é, exactamente, um gnóstico. Essa exactidão exhibe-se no uso das posições marcionistas e maniqueias que coopta, por exemplo. O seu sistema é rigoroso, nada heteróclito. Consiste num dualismo resolutivo [...]. Pascoaes é um heterodoxo absolutamente singular, uma seita de um único elemento. [...] As biografias de Pascoaes formalizam um sistema gnóstico preciso. [...] Este sistema gnóstico e romance obscuro de si mesmo descrevem uma teoria da criação poética”<sup>34</sup>.

Na verdade, se a obra de Pascoaes, enquanto *paisagem emocional* reflecte ou se para ela ou nela convergem os arcos de uma mundividência gnóstica, isso deve-se ao facto de nela também se reflectirem e para ela convergirem, sincreticamente, ou transversalmente, mas sempre, fundamente, *todas* as vivências, mundividência e vivências religiosas e teológicas peninsulares, que não, apenas as ditas gnósticas. Por estas razões, nos referiremos ao acervo de *todas* estas experiências literárias, simbólicas e mitológicas como *gnósticas*.

Escreveu Pascoaes em Santo Agostinho: “Toda a luz é perseguida por uma sombra; e é na sombra que devemos perscrutar a incógnita da luz”<sup>35</sup>. A reflexão que aqui nos propomos realizar, parte, precisamente, da tentativa de identificação da manifestação destas *sombras* de Lembrança de uma mundividência gnóstica, especificamente lusitana, e da sua caminhada para a Esperança enquanto irradiação de uma *luz*. Esta iluminação abre-se como duplo caminho ou dupla cintilação ascética: do poeta-profeta e da revelação da epifania da Saudade como Alma Lusitana que ele, como seu veículo, transporta na sua voz. O símbolo da dualidade ocupa papel central no contexto da obra

---

<sup>33</sup> A hipótese da marca cátera sobre a mundividência poética peninsular, em particular sobre a obra de Pascoaes, deverá ser buscada no papel e importância do arquétipo do feminino fundamental dentro deste contexto ‘herético’ do poder das *perfeitas cáteras*. A este propósito, sobre a ligação entre a poesia trovadoresca e o feminino Cf. em particular os capítulos ‘XIV, Femmes Cathares: catharisme, évangelisme, féminisme’ e ‘XIV, Femmes cathares: coeurs ouverts et mains ouvertes’ in Anne BRENON, *Le Vrais Visage du Catharisme*, Éditions Loubatières, Toulouse, 1994, pp.197-204, pp.189-214. Sobre o mesmo tema Cf. *Op. Cit.*, p.360.

<sup>34</sup> Teixeira de PASCOAES, *São Jerónimo e a Trovoada*, (int. de António M. Feijó), Lisboa, Assírio & Alvim, 1992, p. XXIII. Importa referir que a reflexão de Pascoaes sobre a temática gnóstica se faz, essencialmente no contexto das suas biografias de santos, o que significa que mais do que estes livros revelarem um gnosticismo em Pascoaes, dão conta da sua identificação das marcas de um gnosticismo no interior do próprio cristianismo. A este propósito Cf. Luísa BORGES, *O Lugar de Pascoaes. Epifanias da Saudade Revelada*, Porto, Caixotim, 2005, pp.373-374.

<sup>35</sup> Teixeira de PASCOAES, *Santo Agostinho(Comentários)*, (fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes), Lisboa, Assírio & Alvim, 1995, p.102.

de Pascoaes e reveste-se de um carácter simbólico que nem um maniqueísmo, nem as suas actualizações gnósticas, nem mesmo uma visão dialéctica, por mais heraclitiana, explicam ou esgotam O símbolo da dualidade, sobre o qual gostaríamos hoje, aqui, de reflectir implica directamente a simbologia associada ao termo “Duplo”, que passamos a descrever.

Por “Duplo” entendemos o desdobramento que o ser humano faz de si mesmo sendo que, por meio dessa representação desdobrada de si, consegue aceder a uma autognose ou a uma transcensão de si mesmo. Importa dizer que este desdobramento se faz por meio de um princípio de excedência de si, que, paradoxalmente funciona também como um chamamento ou uma atracção para um Outro de si, radical e mais alto. É neste contexto que lemos as aparições e chamamentos da Saudade em Pascoaes, seja como Lembrança saudosa de uma origem ignota ou Silêncio radical de um Deus abscondito; seja como Voz ou palavra poética ou radical e imanente da Natureza ou vida de todos os seres no verbo pascoaesiano. Como sucede na mística gnóstica e muçulmana, o Duplo ‘celeste’ de cada alma ‘dedica-se’ a activar no místico a Sua própria imagem. Mas o que significa alma neste trânsito?

Pelo termo alma entenderíamos aqui - pelo menos – a tríplice noção grega, clássica, de *sopro*, *sangue* ou *seiva* e... *sombra*. Designações que, por ora, nos convêm. A alma poderia ser entendida em Pascoaes sob este tríplice sentido enquanto arquétipo ou primeiro princípio de uma visão do mundo, especificamente portuguesa ou, como lhe chamou Fernando Pessoa, um *panteísmo transcendentalista Português*, na continuidade da poesia de Guerra Junqueiro<sup>36</sup>. O próprio Pascoaes, n’*Os Poetas Lusíadas*, discorre longamente acerca da história da poesia portuguesa ou da história de Portugal, justapondo-as com a história da Saudade Portuguesa ou da Alma Portuguesa, num processo de procura para uma identidade lusitana que, à maneira romântica holderliniana, isto é, grega e ‘bárbara’, pagã e cristã, só a Voz do poeta, enquanto cantador, narrador, vate e trovador ou *aedo* da voz do Povo, pode revelar. A alma, como princípio vital, desdobra-se por sua vez nos duplos princípios do sopro ou *animus*, de género masculino e da respiração ou *anima* do género feminino. Estes princípios greco-romanos já pré-existiam no mundo celta sob as designações de *ainim* (irlandês) e *ene* ou *anaon* (bretão) ou sob o termo pancéltico de *anamon* que etimologicamente está directamente em relação com a designação de harmonia, *anavo-n* e, sobretudo,

---

<sup>36</sup> Pessoa, Fernando, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Ática, Lisboa, s/d.

gostaríamos de sublinhar, com o nome da divindade feminina primordial: *Ana* (ou Dana, literalmente os povos da Deusa Ana, neste contexto pancéltico). É aliás significativo que o uso litúrgico dos termos *anima* e *animus*, em particular deste último, tenha sido substituído pelo de *spiritus*, a partir do século IV da nossa era<sup>37</sup>. Para Pascoaes, no seu *Santo Agostinho*, esta substituição não é fruto do acaso, mas visa a intencional predicação masculina ou agostiniana da alma, o que significa a sua subjugação a uma teologia romana ou do espírito que o poeta critica. Também no pensamento judaico encontramos a alma enquanto princípio masculino (*nefesh*) e como princípio feminino (*chajah*) que se transformam e fundem num só princípio espiritual (*rugh*), o sopro ou o espírito. A imagem divina que O representa é a de uma nuvem negra ou a de nevoeiro...

Também para os gregos a alma era representada sob esta dupla acepção de *psyché* (alma) e de *phrenes* (diafragma), ou suporte material do espírito ou sede do pensamento e dos sentimentos. Para os pitagóricos, a alma desdobra-se numa triplicidade que vai desde a *psyché*, ao *nous*, passando pela sensibilidade ou *aísthesis*. Princípios que conhecerão revisitação particular em Platão, Aristóteles e no gnosticismo dos primeiros séculos da era cristã, sobretudo com a noção de *pneuma*. Se nos atardámos por este périplo arriscado de etimologias e de genealogias do termo alma é para meditarmos acerca da ancestralidade das referências que o termo alma pode comportar em Pascoaes e da transversalidade mítico-religiosa que ele implica. Uma das acepções mais primevas e populares do termo alma remete para o par árvore-rochedo, onde a árvore simboliza o feminino e o rochedo o masculino<sup>38</sup>. Fragas e árvores são mitemas constantes na obra de Pascoaes que parecem encontrar a sua correspondência vegetal e mineral, tanto nas pedras megalíticas da paisagem emocional portuguesa, como nas tradições pancélticas relativas a uma Deusa tríplice (Brigit, que pode corresponder a Cibele, Ceres, Deméter, Diana) cujo símbolo corresponde aos três ramos de uma árvore, a saber, às três idades da Deusa, da Mulher ou da Saudade (jovem, mulher e velha) que encontramos em *Marânos*, na *Beira Num Relâmpago* e até nas dedicatórias de alguns livros de Pascoaes, às árvores e à sua Mãe e irmãs, assim homologadas na mesma dedicada empatia amorosa.

---

<sup>37</sup> Sobre estas correspondências etimológicas, Cf.: Jean CHEVALIER e Alain GHEERBRANT, “Alma”, in *Dicionário dos Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Teorema, Lisboa, 1994, p.53.

<sup>38</sup> Id, *Op. Cit.*, pp.53-54.

Importa, de igual modo sublinhar que ao termo alma se encontra associado o tema da *viagem celeste* da alma, enquanto *chama* ou *ave* ou gota *húmida*, e do seu trânsito ou migração pelos céus, mediados pela *Lua*, descrevendo um percurso *solar* que erra, do *nascente* para o *poente*. Este percurso descreve também o trânsito e o rasto da concepção de uma Deusa Mediterrânica, na sua metamorfose em Deusa Atlântica ou Imaculada que, em Pascoaes toma o nome de Saudade e se identifica, desse modo, pela designação de Alma Portuguesa. Este processo metamórfico corresponde a uma hagiografia da Saudade que Pascoaes descreve como a sua particular interpretação de uma história universal das religiões, onde a Saudade Portuguesa e o seu panteão específico de manifestação se inscreve como protagonista. Corresponderá este princípio feminino genésico à matriz pancéltica *Nwyre*<sup>39</sup>? Este percurso encontra-se descrito em obras como *Jesus e Pã* (1903), em *Para a Luz* (1904), em *Vida Etérea* (1906), onde se identifica com a manifestação mediterrânica da Deusa Cibele acompanhada dos pares masculinos que lhe correspondem e que são *Jesus e Pã*, Apolo e Dionísio, O Senhor, O Espírito Santo, a Sarça Ardente ou as Línguas de Fogo do Velho e do Novo Testamento. Esta manifestação prefigura a metáfora do nascer e do ocaso do Sol. Trata-se de uma concepção da Saudade e do Tempo sob o signo do eterno retorno da morte e do renascimento cíclicos de um consorte masculino, mas, o que é capital, do próprio movimento migratório e cíclico da alma humana individual, como se esta estivesse ‘aprisionada’ no seio de um tempo circular *ourobórico*, aparentemente inquebrantável. A partir de *Sempre* (1898), *Terra Proibida* ((1900) ou na “Elegia do Amor” (contida em *Vida Etérea*); ou de *As Sombras* (1907) ou da *Senhora da Noite* (1909) e ainda em *Marânus* (1911) a Saudade reencontra a sua matriz Atlântica (pancéltica?), sob a prefiguração de Nossa Senhora da Conceição ou de uma Virgem Atlântica que integra e transcende uma concepção circular ourobórica, calcando ou dominando aos pés a serpente e o crescente lunar que são os atributos de uma Grande Mãe mediterrânica. A Saudade como Senhora do Tempo, assegura assim o trânsito entre Passado e Futuro, entre Lembrança e Esperança e, é também o veículo da libertação e ascensão das almas individuais, como, precisamente *médium* ou *mediadora*. Como se opera este tramito? Para já, é preciso afirmá-lo, Pascoaes não se vê, a si mesmo como disperso ou solitário nesta demanda. N’ *Os poetas Lusíadas* ele traçara já a sua pertença a uma família de alma, homologada pela Musa da Saudade, que iria desde a poesia trovadoresca de D.

---

<sup>39</sup> Cf., Philéas Lebesgue, “Paroles devant le Soleil”, in *Mes Semailles*, L’Amitié par le Livres, 1979, p.289.

Dinis, passando por Gil Vicente e sobretudo, Camões e Bernardim Ribeiro até a um tempo de decadência deste princípio vital que se inauguraria com a derrota em Alcácer Quibir e o advento de um messianismo sebastianista político e necessariamente dissolvente que nem a restauração da soberania política portuguesa teria conseguido redimir. A crítica de António Sérgio ao ‘Saudosismo’ e a sua polémica com Pascoaes resultam em grande parte deste duplo equívoco: o facto de gerações e gerações de críticos terem querido, na esteira de Sérgio, reduzir o dito ‘Saudosismo’ de Pascoaes a um mero *ismo* ou movimento ‘literário’ conservador; o facto de Sérgio se recusar a entender ou aceitar o criticismo de Pascoaes ao catolicismo e a sua inovadora proposta de uma *nova religião*, para a qual a concepção da Saudade como *rostro feminino de Deus*, inescapavelmente aponta... Interessa aqui também referir que, de igual modo, gerações e gerações de Poetas rumaram ao Solar de Gatão, em demanda da experiência do encontro único e mágico com um Mestre na casa da Poesia, experiência que depois descrevem de forma assaz viva e impressiva (desta extensa lista constam Almada Negreiros, Sophia, Eugénio de Andrade, Cesariny, Natália Correia, entre outros...).

Na verdade, é a Fernando Pessoa, porventura o mais coerente crítico da revista *A Águia*, e o criador do movimento que mais especificamente se opõe ao ‘Saudosismo’ literário, referimo-nos, obviamente ao ‘Modernismo’ e à revista *Orpheu*, a quem pertence a iniciativa da inclusão de Pascoaes num mais vasto movimento, não apenas literário, mas filosófico, no qual, aliás, o próprio Pessoa buscará, também, lugar de pertença: o auto-proclamado *panteísmo transcendentalista português*, portador de uma particular mundivivência e mundividência do mundo, do espaço e do tempo. De acordo com esta perspectiva, há uma paisagem sentimental portuguesa que opera revolução copernicana gnósica no entendimento do mundo, constatando que e fazendo com que Natureza, e mesmo *Polis*, sejam, segundo as palavras inaugurais de Pascoaes n’ *O Duplo Passeio*, “[...] habitadas por certas ideias ou sentimentos ou apenas sentimentos”<sup>40</sup>. Será que “Sentimos todas as coisas, mas não há nenhuma que nos sintam”<sup>41</sup>? Ou será que, como continua o poeta a interrogar: “a natureza só é insensível para os que perderam a sensibilidade”<sup>42</sup>? Recuperá-la implica uma auto-redenção que significa a aventura dos passos sobre um abismo. Ir ao encontro de um Outro de si, um Outro do Espírito, ou de

---

<sup>40</sup> Teixeira de Pascoaes, *A Beira (Num Relâmpago)*. *Duplo Passeio*, int. António Mega Ferreira, Assírio & Alvim, Lisboa, 1994, p. 99.

<sup>41</sup> *Id.*, *Op. Cit.*, p. 118.

<sup>42</sup> *Id.*, *Op. Cit.*, p. 127.

um outro que não o espírito, implica a assumpção de um Duplo de si que parece ser a negação mesma do princípio da identidade.

Pergunta Pascoaes: “Que é o princípio da identidade? Uma simples ideia... falsa. Mas uma ideia falsa pode sugerir outras verdadeiras. Não será a mentira o suporte da verdade?”<sup>43</sup>. Neste sentido, afirma mais à frente, numa crítica mordaz ao cartesianismo racionalista e a uma determinada ideia acerca do que significa ‘consciência’: “Não me refiro a ideias claras, porque não existe nenhuma”. Para chegar afinal a esta constatação simples, que hoje é um princípio pacífico da moderna epistemologia, “qualquer conhecimento científico deriva duma crença na ciência. A crença é tão indispensável à ciência como à religião”<sup>44</sup>. Neste sentido, o dogma significa ausência de entrega amorosa ou de empatia, esta falta antipática de simpatia é aquilo que propriamente configura o pecado que se identifica com a Cruz e identifica o Senhor sofredor com o Escravo dos escravos, numa reinterpretação da famosa dialéctica hegeliana, nestes termos textuais: “A cruz é feita de senhores, Jesus é feito de escravos. Jesus é o Senhor a falecer no escravo, e o escravo a ressurgir no Senhor”<sup>45</sup> e que talvez explique ou ilumine a esotérica e perturbante “IIª Parte” de *O Duplo Passeio* e essa constante nomeação, predicação ou apelo, repetido: *O Senhor! O Senhor*. Como se nesta predicação repetida, Pascoaes de algum modo antecipasse, alguma da crítica contemporânea a um *kyriocentrismo* operada pelo movimento da teologia da libertação<sup>46</sup>. O carácter revolucionário desta interpelação tem fundas consequências em termos de relação com a Natureza – sim, estou a referir-me a uma crítica que existe em Pascoaes a uma visão exploratória ou ‘científica’ e exploradora ou industrial e ‘tecnológica’ da Natureza e das criaturas, inclusive as humanas, que exaure ‘recursos’ naturais até ao limite da sua extinção. O carácter revolucionário desta interpelação passa também pelos aspectos reformadores sociais, políticos e económicos, para a *Polis*, portanto, que o movimento cultural da Renascença Portuguesa tão bem encarnou.

Há um processo metamórfico inicial que todas estas reformas exigem e que está sinteticamente conciso nesta afirmação de Pascoaes no primeiro capítulo da IIª Parte de Duplo Passeio: “Obsidia-me esta ideia de que somos um *novo meio*, simpático à eclosão de novos seres, de tal modo o macho é também fêmea, embora em abstracto ou

---

<sup>43</sup> *Id.*, *Op. Cit.*, p. 129.

<sup>44</sup> *Id.*, *Op. Cit.*, p. 140.

<sup>45</sup> *Id.*, *Op. Cit.*, pp.143-144.

<sup>46</sup> A este propósito Cf., Elisabeth Schüssler Fiorenza, *In Memory of Her, A Feminist Theological reconstruction of Chritian Origins*, Cross-road, New York, 1994; referência a cruzar com a tardia mas elucidativa conferência *Pró Paz* de Pascoaes.

fantasticamente. A Psicologia é uma Superzoologia<sup>47</sup>. É neste contexto específico que se inscreve – também - o fascínio de Pessoa por Pascoaes, isto é, no contexto de uma *alquimia da alma*, motriz de um *panteísmo transcensional*. Transubstanciação ou metamorfose de que os famosos e muito citados versos de “Elegia do Amor”: “A folha que tombava/ Era alma que subia...”<sup>48</sup> e de “Senhora da Noite” (1909): “O que há, em mim, de lírio e de donzela...”<sup>49</sup> seriam casos exemplares. *Senhora da Noite* à qual parecem responder os ‘modernos’ versos pessoanos “Vem noite antiquíssima” de *Dois excertos de odes (Fim de duas Odes, naturalmente)*. A alma reclama para si a condição já presente em Rimbaud e reatualizada em Pessoa, de *ser tudo e todos, de viver tudo de todas as maneiras*, de ser um excesso das possibilidades de si, num limite que implica também a dádiva de si a Todos os seres e a todas as manifestações gnósicas que, sincrética, multicultural e transversalmente, se cruzaram na Península Ibérica.

A concepção da ‘consciência’ humana corresponde assim a uma noção de ‘alma’ que se alarga a todos os seres, ultrapassando a fronteira do mineral, do vegetal e do animal, num pampsiquismo que se torna operativo, isto é, simultâneo na consciência e no *logos* ou na *palavra* humana. Constatação que se traduz numa concepção da natureza, simultaneamente realista e mágica. Constatação a que também corresponde uma noção de alma ‘individual’ que é momento-movimento *ascendente e descendente* e que podemos designar como *alquimia da alma*. A Saudade corresponde à representação de uma diversidade ou de uma alteridade étnica portuguesa que se traduz no Verbo dos poetas que, como Pascoaes, a encarnam. Também esta característica se casa bem com um contexto pancéltico, onde a figura do Druida e não a do bardo – mais uma vez, às avessas do que pretendeu Sérgio -, como Poeta e Vate toma sobre si a sabedoria e a força da responsabilidade como a *drug*, segundo Plínio, a antiga árvore (o carvalho) da sabedoria<sup>50</sup>, aquele que canta e conta a Voz das Tradições, inúmeras e primevas adormecidas ou esquecidas no *coração*, na Pátria, ou na Língua Portuguesa... O Poeta, ou o Druida, isto é, o poeta-filósofo que transita entre os mundos, como entre a I<sup>a</sup> exotérica e a II<sup>a</sup> esotérica Partes do *Duplo Passeio* de Pascoaes. Para esta mundividência não remeterá, de igual modo, o conceito de Deus ignoto e abscôndito – *incriado* -,

---

<sup>47</sup> Teixeira de Pascoaes, *A Beira (Num Relâmpago)*. *Duplo Passeio*, int. António Mega Ferreira, Assírio & Alvim, Lisboa, 1994, p. 173.

<sup>48</sup> Teixeira de PASCOAES, *Vida Etérea* in *Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (int. e aparato crítico de Jacinto do Prado Coelho), vol. II, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d [1966].

<sup>49</sup> Teixeira de PASCOAES, “Senhora da Noite” in *Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (int. e aparato crítico de Jacinto do Prado Coelho), vol. III, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d [1967].

<sup>50</sup> Luísa BORGES, *O Lugar de Pascoaes. Epifanias da Saudade Revelada*, Porto, Caixotim, 2005, pp. 99-100, nota 3.

sempre avesso à teologia e aos teólogos que Pascoaes nos apresenta, bem como a concepção da Saudade, enquanto manifestação imanente do Seu feminino rosto transcendente e Atlântico, possíveis expressões, mais do que de um panteísmo, de um panenteísmo lusitano primevo?

## REFERÊNCIAS

BORGES, Luísa, *O Lugar de Pascoaes. Epifanias da Saudade Revelada*, Porto, Caixotim, 2005.

BRENON, Anne , *Le Vrais Visage du Catharisme*, Éditions Loubatières, Toulouse, 1994;

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain, “Alma”, in *Dicionário dos Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Tradução de Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Teorema, Lisboa, 1994.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler, *In Memory of Her, A Feminist Theological reconstruction of Chritian Origins*, Cross-road, New York, 1994.

LEBESGUE, Philéas, “Paroles devant le Soleil”, in *Mes Semailles, L’Amitié par le Livres*, 1979

PASCOAES, Teixeira de,

- *Vida Etérea* in *Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (int. e aparato crítico de Jacinto do Prado Coelho), vol. II, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d [1966].

- “Senhora da Noite” in *Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (int. e aparato crítico de Jacinto do Prado Coelho), vol. III, Lisboa, Livraria Bertrand, s/d [1967].

- *A Beira (Num Relâmpago). Duplo Passeio*, int. António Mega Ferreira, Assírio & Alvim, Lisboa, 1994.

- *Santo Agostinho (Comentários)*,(fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes), Lisboa, Assírio & Alvim, 1995.

PESSOA, Fernando, *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*, textos estabelecidos e prefaciados por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Ática, Lisboa, s/d.

## **DO Gnosticismo NO PENSAMENTO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO: ENTRE SAMPAIO BRUNO, LEONARDO COIMBRA E JOSÉ MARINHO.**

Renato Epifânio, (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)<sup>51</sup>

### **Resumo**

Procuraremos, no nosso texto, assinalar algumas marcas de gnosticismo em algumas das principais figuras do pensamento português contemporâneo – nomeadamente: Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra e José Marinho.

**Palavras-Chave:** Gnosticismo, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, José Marinho.

### **Summary**

We seek, in our text, check some Gnosticism marks on some of the major figures of contemporary Portuguese thought - namely: Bruno Sampaio, Leonardo Coimbra and José Marinho.

**Keywords:** Gnosticism, Sampaio Bruno, Leonardo Coimbra, José Marinho.

---

<sup>51</sup> Membro Doutorado Integrado: RG “Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal” (r.epifanio@sapo.pt).

## 1. Entre Leonardo Coimbra e Sampaio Bruno

Inicia Leonardo Coimbra a primeira parte d' *A Alegria, a Dor e a Graça* com uma afirmação que, desde logo, delimita o horizonte da viagem por si prefigurada ao longo de toda a obra – nas suas palavras: “As almas verídicas (porque há aparências, esboços de alma) nutrem-se dum único alimento – o absoluto.”<sup>52</sup>. E que “absoluto” é esse? É, em suma, um “absoluto” que se afirma na própria relação, em toda a relação – de tal modo que, como o próprio José Marinho<sup>53</sup> reconhece, para Leonardo “não há absoluto sem relação”<sup>54</sup>.

Desta concepção de absoluto que se concretiza na relação faz derivar, aliás, Leonardo Coimbra, a razão de ser do mundo, da própria “criação”: não resultou aquele de nenhuma “queda”, de nenhuma “degradação do ser divino”, não foi esta uma “fatalidade”. Ao contrário de outros pensadores – em particular, conforme veremos, Sampaio Bruno – tem Leonardo uma visão positiva da “criação”. O que para o primeiro era motivo de lamento – o facto de este ser um “mundo de distâncias e separações” – é, para o segundo, motivo de assumido regozijo. Daí, desde logo, estas suas palavras: “Como é belo este mundo de distâncias e separações! Que perda não seria reduzir tudo a uma simples unidade possuindo-se!”<sup>55</sup>.

---

<sup>52</sup> *Obras de Leonardo Coimbra*, coordenação e revisão de Sant'Anna Dionísio, Porto, Lello, 1983, vol. I, p. 399.

<sup>53</sup> Relativamente às obras de José Marinho, usaremos as seguintes siglas: *Aforismos* (*Aforismos sobre o que mais importa*, “Obras de José Marinho”, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1994); *Cor.* (*Correspondência*, vol. do apêndice documental de *A meditação do tempo no pensamento de José Marinho*, Dissertação de Mestrado em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Lisboa, UL, 1989); *Doc* (Apêndice documental de *A Doutrina do Nada: o pensamento meontológico de José Marinho*, Dissertação de Doutoramento em Filosofia de Jorge Croce Rivera, Ponta Delgada, Universidade dos Açores, 1998); *EAS* (*Elementos para uma antropologia situada*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1966); *Ensaio* (*Ensaio de aprofundamento e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1995); *Estudos* (*Estudos sobre o pensamento português contemporâneo*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1981); *Filosofia* (*Filosofia: ensino ou iniciação?*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Centro de Investigação Pedagógica, 1972); *FP* (*Filosofia portuguesa e universalidade da filosofia e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. VIII, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2007); *LNOT* (*Da Liberdade Necessária e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. VII, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006); *NISOT* (*Nova Interpretação do Sebastianismo e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. V, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003); *PFLC* (*O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra: introdução ao seu estudo*, Porto, Livraria Figueirinhas, 1945); *PFLCOT* (*O Pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. IV, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2001); *SVM* (*Significado e Valor da Metafísica e outros textos*, “Obras de José Marinho”, vol. III, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1996); *Teoria* (*Teoria do Ser e da Verdade*, Lisboa, Guimarães Editores, 1961); *TP* (*Teixeira de Pascoaes, Poeta das Origens e da Saudade*, “Obras de José Marinho”, vol. VI, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005); *VCD* (*Verdade, Condição e Destino no pensamento português contemporâneo*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1976).

<sup>54</sup> Cf. *VCD*, p. 104.

<sup>55</sup> *Obras...*, I, p. 421. Daí, desde logo, como refere Marinho, toda a diferença do pensamento de Leonardo, não só relativamente ao de Sampaio Bruno como ainda ao de Antero de Quental – nas suas palavras, para Leonardo “os seres não se anulam, pois que neles se manifesta Deus, a pluralidade não é imperfeição, como o

O que para uns é o mais obscuro de todos os absurdos – a razão, a irrazão de ser da “criação” –, para Leonardo Coimbra, como ele próprio escreveu, “basta que Deus seja pura invenção amorosa para um infinito verdadeiro encher de claridade toda a existência”<sup>56</sup>. Eis, precisamente, a concepção de “Deus” que Leonardo nos reiterou em múltiplas passagens da sua obra – a título de exemplo, atentemos nestas: “Deus é permanente invenção do Amor”<sup>57</sup>, é “puro incêndio do Amor”<sup>58</sup>. Daí que, ao amar, “Deus” não exprima nenhuma limitação, nem, muito menos, se limite de algum modo – nas lapidares palavras de Leonardo, “Deus não se degrada amando”<sup>59</sup>.

## 2. Entre José Marinho e Sampaio Bruno

Como desde logo antecipou José Marinho na sua “introdução” à obra, assenta a *Teoria do Ser e da Verdade* em “três noções essenciais”: “visão unívoca”, “cisão” e “insubstancial substantivo”. A primeira refere o estado originário do ser, do próprio “ser absoluto ou Deus”: o estado de “ser plenamente”<sup>60</sup>, nessa medida, o estado de “não poder mais que ser sem se saber”<sup>61</sup>. A segunda refere, tão-só, a consequência disso mesmo: se aquele, por ser plenamente, “não pode mais que ser sem saber”, então, para se saber, para poder ser para si, é necessário que ele de si se cinda...

Eis, nas palavras do próprio José Marinho, a “doutrina cumulativa da visão unívoca e da cisão”: “O ser enquanto ser é sem verdade./ O ser para assumir a verdade de si torna-se outro: cinde-se.”<sup>62</sup>. E eis aqui, nestes dois postulados, tão aparentemente inócuos, o fulcro da meditação marinhiana, o fundamento da sua *Teoria*. Foi a partir deles que Marinho se questionou sobre o enigma, sobre o “abissal enigma”, que subjaz a todo o ser. Foi a partir deles que Marinho suscitou, em diversas passagens da sua obra, a própria “interrogação fundamental” – a título de exemplo, atentemos nestas: “...se o ser é e absolutamente, como podemos compreender que ele não persista em si mesmo e se

---

é em Antero ou Bruno, mas expressão de todas as infinitas virtualidades de ser do absoluto” [cf. *PFLCOT*, p. 592].

<sup>56</sup> Cf. *Obras...*, II, p. 463.

<sup>57</sup> Cf. *Dispersos I: Poesia Portuguesa*, compil., fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes, Lisboa, Verbo, 1984, p. 92.

<sup>58</sup> Cf. *ibid.*, p. 103.

<sup>59</sup> Cf. *Obras...*, I, p. 596

<sup>60</sup> Cf. *Teoria*, p. 19

<sup>61</sup> Cf. *ibid.*, p. 23.

<sup>62</sup> *Doc. II*, p. 266. Cf., igualmente, *SVM*, p. 447: “todo o ser autêntico é para nós o que se diferencia ou o que só [se] apreende e compreende na medida em que se diferencia”.

altere [o mesmo é dizer, e se cinda]?”<sup>63</sup>; “Na sua imensidade, porque não permaneceu o ser igual a si e se autolimitou e se fez múltiplo?”<sup>64</sup>.

Também aqui, a meditação marinhiana retoma a meditação de outros, no caso, e uma vez mais, a meditação de Sampaio Bruno – esta interrogação que José Marinho aqui formula já havia sido, aliás, formulada, quase nos mesmos termos, pelo autor d’ *A Ideia de Deus*<sup>65</sup>. Para Bruno, contudo, essa “alteração”, essa “cisão” da homogeneidade originária do ser permaneceu sempre como um “mistério indecifrável”. E isto, desde logo, porque jamais conseguiu vislumbrar nela qualquer ganho. A origem do ser, ou seja, a sua heterogeneização, jamais deixou de significar para si uma perca, um mal, um irreduzível mal. Daí a sua visão profundamente negativa da existência, que o levou, desde logo, a afirmar, contra Amorim Viana, a “essência real do mal”<sup>66</sup>.

Partindo desta visão profundamente negativa da existência – de tal modo negativa que, como denunciou de forma certeira Leonardo Coimbra, segundo esta visão “o melhor dos mundos possíveis de Leibniz não deixa de ser mau”<sup>67</sup> –, nada mais restava a Sampaio Bruno do que prefigurar a aniquilação ontológica do mundo, de toda a existência, em suma, o regresso de todo o heterogéneo à homogeneidade originária do ser. Como é dado desde já confirmar, o mesmo não sucede, no entanto, com José Marinho. Ao contrário de Bruno, não tem Marinho uma visão negativa da existência. De modo algum. E isto, desde logo, porque, para o autor da *Teoria*, a “alteração”, a “cisão” da homogeneidade originária do ser, não significou um mal, uma perca, uma

---

<sup>63</sup> SVM, p. 440.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 444.

<sup>65</sup> Nas palavras do próprio Bruno: “Na penúria filosófica ou, antes, na opulência virtual da filosofia, é de cuidar que no princípio era o homogéneo, e o homogéneo estava com Deus, e o homogéneo era Deus. O homogéneo era infinito e invariável, permanente e contínuo, absoluto e necessário (...). Este homogéneo, contínuo, infinito, absoluto, necessário não permanece, porém. E este é o mistério indecifrável: porque e como é que isto foi.” [*A Ideia de Deus*, pref. de Pinharanda Gomes, Porto, Lello, 1998 (3ª), p. 201].

<sup>66</sup> Cf. *ibid.*, p. 209. Daí ainda o dizer-nos, citando Shakespeare, que por sua vez cita Píndaro, que “a felicidade é não ter nascido”, ou, citando Darwin, que “este mundo é um vasto campo de chacina” [cf. *A Geração Nova*, Lisboa, António Maria Pereira, 1897, p. 123].

<sup>67</sup> Cf. *Dispensos II*, ed. cit., p. 299. Eis o que Marinho fará, igualmente, questão de frisar – daí, a título de exemplo, estas suas palavras: “...no não menos longo, no não menos agudo e correspondente debate dos optimistas e pessimistas, esse surge como extremo pessimista de concepção./ Nenhuma esperança é deixada àquele que sem ilusões falazes – celestes ou terrenas – contemplou o homem e a vida em sua abissal realidade, nenhuma esperança de uma solução especulativa imediata ou de uma próxima solução pragmática. [*Estudos*, p. 59]. Como ressalva, porém, Marinho, “o pessimismo fundamental da concepção vai, em contraste com os de Schopenhauer e Hartmann, completar-se por um optimismo ético-religioso do mais veemente acento” [cf. *ibid.*, p. 74].

degradação, antes, ao invés, o que permite que todo o ser aceda ao saber de si, ou seja, à sua verdade<sup>68</sup>.

Daí, de resto, todo o enigma, enigma tanto maior porquanto a cisão não anula a união axial entre todos os seres, antes a todo o instante a reforça – nas palavras do próprio José Marinho: “Nada do que cinde tem sentido sem a união cumulativa.”<sup>69</sup>; “Cisão não significa apenas que a todo o instante emergimos da divina união para a multiplicidade do ser incerto e errante. Cisão significa que a todo o instante pelo âmago do nosso ser e pelo âmago do nosso pensar a divina união se restabelece.”<sup>70</sup>; “Todo o abismo que separa na ordem do que actualmente sente, imagina e pensa, propicia a mais pura e perfeita união.”<sup>71</sup>. Como escreveu ainda Marinho, não é, aliás, senão para isso que nós separamos: “para melhor unir”<sup>72</sup>. Daí ainda, enfim, a este respeito, estas suas palavras: “O que distingue, se bem distingue, distingue verdadeiramente para unir. Para aquele a quem é dado o sentido da cisão, tudo quanto verdadeiramente é repousa na união.”<sup>73</sup>.

### 3. A heterodoxia gnóstica de Sampaio Bruno

No entender do autor da *Teoria do Ser e da Verdade*, o que essencialmente caracteriza o pensamento do autor d’ *A Ideia de Deus* é a sua heterodoxia. José Marinho chegou, aliás, a qualificar a concepção brunina como a “concepção mais heterodoxa da filosofia portuguesa”<sup>74</sup> – ainda nas suas palavras: “O pensamento de Sampaio Bruno é

---

<sup>68</sup> Eis o que o próprio José Marinho fez questão de frisar, de forma expressa, em múltiplas passagens da sua obra – a título de exemplo, atentemos nestas: “O ser revela-se, pela consciência que em nós toma de si próprio, existindo, por um lado, em si mesmo como uno e, por outro lado, diversificando-se para se conhecer.” [*Aforismos*, p. 153]; “É em si mesmo que o ser é; mas é fora de si que ele se encontra a si, se apreende e determina o caminho da sua perfeita compreensão de si. O ser é em si ignoto para si, tal é a maneira como podemos atingi-lo originariamente. Com efeito, na medida em que o apreendemos não é ele para nós como para si a verdade de si, mas o ser posto além do ser, a verdade posta além. Intuindo ou pensando, nós cindimos o ser no intuí-lo ou pensá-lo. E assim na cisão o originário, o autêntico, o absoluto, fica como o ignorado de que se cinde (...)” [*SVM*, p. 440]; “Tudo quanto surge nasce de outrem antes de se encontrar a si. Esta proposição não é susceptível apenas de uma aplicação determinada, ao momento tal ou tal da realidade, como também ao ser em sua plenitude.” [*ibid.*, p. 444]; “...sem o conceito de cisão não há possibilidade aberta de a razão se conceber a si própria.” [*VCD*, p. 167]; “...o conhecimento do ser não pode distinguir-se do próprio ser senão na medida em que dele se separa para o apreender.” [*Doc. II*, p. 85]; “Ser é dado ao homem como separação, e o conhecimento, sob pena de não ter nenhum real e autêntico princípio, tem de seguir essa via radical.” [*ibid.*, p. 103]; “Desta cisão originária do ser procede a cisão no conhecer. Este, porém, sob pena de morte, terá de restabelecer a unidade perdida.” [*SVM*, p. 438].

<sup>69</sup> *Doc. III*, p. 249.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 281.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p. 322.

<sup>72</sup> Cf. *PFLCOT*, p. 529. Cf., igualmente, *TP*, p. 451: “Separar para unir, distinguir para bem ligar (...)”.

<sup>73</sup> *Aforismos*, p. 253.

<sup>74</sup> Cf. *Estudos*, p. 95. A par da de Pascoaes – ainda nas palavras de Marinho: “...na linha dos nossos heterodoxos são Pascoais e Bruno os maiores pela profundidade das obras, e ainda os mais significativos pelos remotos laços que estabeleceram com uma tradição milenária de poetas e pensadores dos mais raros

essencialmente heterodoxo. Constitui uma teurgia messiânico-profética que deve distinguir-se tanto da teologia como da metafísica consideradas clássicas e exemplares.”<sup>75</sup>. Nesta primeira instância de caracterização, é, de resto, Marinho consonante com a maior parte dos intérpretes do pensamento de Bruno – os quais, de forma mais ou menos expressa, salientam de igual modo esse carácter “heterodoxo” da obra brunina<sup>76</sup>.

Ainda segundo Marinho, consubstancia-se essa heterodoxia num duplo sentido. Eis o que ele próprio fez questão de frisar em múltiplas passagens da sua obra – a título de exemplo, atentemos nestas: “Pensador essencialmente heterodoxo, é-o Sampaio Bruno em dois sentidos. É-o não apenas em relação à teologia cristã e à metafísica clássica não messiânica, não profética, não dinâmica, não redentorista, mas também, e por razões já as mesmas já diversas, a uma concepção evolucionista ou dialéctica cingidas nas relações entre o homem e o mundo visível ou análogo proximamente do que vemos e experimentamos.”<sup>77</sup>; “O pensamento de Sampaio Bruno é, como se sabe, essencialmente heterodoxo. Tal deve entender-se em dois sentidos. Heterodoxo é o pensamento de Bruno em relação à ortodoxia católica. Heterodoxa é também a sua *teurgia profética* em relação à ortodoxia humanista, ou humanitária, que se formou, como irmã inimiga, na sequela da primeira.”<sup>78</sup>.

Não se consubstanciou, porém, essa dupla heterodoxia numa mera “carnificina de sistemas”, para retomarmos a já consagrada expressão de Eduardo Lourenço<sup>79</sup>. Segundo o próprio José Marinho, “na sua oposição ao moderno evolucionismo progressista e ao humanismo satisfeito, ele [Bruno] descerrou o segredo profundo daquilo mesmo a que teve de opor-se”, da mesma forma que, na sua oposição à ortodoxia católica, “assegurou melhor o caminho do autêntico, profundo e velado cristianismo do que muitos cristãos de satisfeito saber e formal observância”<sup>80</sup>. E por isso defendeu ainda Marinho que “a heterodoxia de Bruno implica a descoberta de um sentido do cristianismo

---

caminhos. Por outro lado, são bem cristãos, bem nobremente religiosos no âmago da sua mesma heterodoxia, sem o qual não tanto valeriam.” [*Estudos*, p. 61]. Daí ainda o falar de uma “profunda afinidade espiritual” ou de uma “relação muito íntima” [cf. *ibid.*, pp. 60-61].

<sup>75</sup> VCD, p. 82.

<sup>76</sup> Assinale-se, desde logo, o caso de Joel Serrão, que considerou ser a “heterodoxia de raiz” a primeira das “coordenadas fundamentais do esforço especulativo de Bruno” [cf. *Sampaio Bruno: o Homem e o Pensamento*, Lisboa, Horizonte, 1986, p. 59].

<sup>77</sup> VCD, p. 83. Em nota, é-nos referido ainda: “Toda a concepção filosófica de carácter antro-po-cosmológico é por Bruno visada, podendo dizer-se que legou ao futuro os elementos para a invalidar.”

<sup>78</sup> *Estudos*, 91. Daí ainda o ter considerado Bruno “a mil léguas da tradição visível e mais explícita do cristianismo como da ontologia tradicional e da metafísica clássica” [cf. VCD, p. 135].

<sup>79</sup> Cf. “Nota a uma apologia de Sampaio Bruno”, in *O Comércio do Porto*, 29/1/1957.

<sup>80</sup> Cf. *Estudos*, p. 84.

verdadeiramente universal que é raro nos cristãos de qualquer ortodoxia”, “o sentido de uma evolução mais funda que a dos evolucionistas”, um conceito de homem “mais íntegro e mais viável que a dos humanitários progressistas”<sup>81</sup>.

\*

Daí, em suma, para José Marinho, toda a importância de Sampaio Bruno para o pensamento português contemporâneo – fazendo jus ao seu apelido<sup>82</sup>, o autor d’ *A Ideia de Deus* “antecipa com seu pensar ao mesmo tempo difuso e concentrado algumas das formas mais autênticas da filosofia e dos caminhos da nossa época”<sup>83</sup>. E por isso o considerou como “o mais profundo dos nossos filósofos críticos e o mais excessivo”<sup>84</sup>, tendo chegado a escrever que “difícil será encontrar em qualquer parte pensamento mais audacioso e mais original do que o deste homem tímido e embaraçado”<sup>85</sup>, e por isso nos disse ainda, a respeito da sua obra, que ela se constitui como “a mais significativa expressão do drama espiritual do homem moderno no trânsito do século XIX para o presente”<sup>86</sup>, tendo inclusivamente afirmado que “a sua obra só por si vale todo o século XIX, perante ela empalidece tudo quanto a grande geração de Antero ou Oliveira Martins fez”<sup>87</sup>, assumindo-se, nessa medida, como “o ‘juízo final’ do nosso século XIX”<sup>88</sup> e, nessa medida ainda, como uma das pontes para o nosso futuro<sup>89</sup>.

---

<sup>81</sup> Cf. *ibid.*, p. 91.

<sup>82</sup> Que José Pereira de Sampaio adoptou em homenagem a “um dos filósofos mais revolucionários do Ocidente” [cf. *VCD*, p. 88], esse “mártir do livre-pensamento” [cf. *Estudos*, p. 85]: Giordano Bruno. Filósofo que, de resto, não foi apenas fonte de inspiração para Bruno – ainda nas palavras de Marinho: “A referência a Giordano Bruno é frequente nos nossos filósofos e escritores de ideias até Leonardo Coimbra (...). Significativas, para além das de Bruno e Leonardo Coimbra, são as referências de Antero, Cunha Seixas e Delfim Santos.” [*VCD*, p. 261 (n.1)]. Cf., igualmente, *FP*, p. 396: “Giordano Bruno é, para pensadores materialistas, e não só para esses, o primeiro dos filósofos modernos, não Descartes, um francês nacionalista, unilateral na sua generalidade francesa. Mostrou-o há anos entre nós Delfim Santos.”

<sup>83</sup> Cf. *VCD*, p. 83.

<sup>84</sup> Cf. *ibid.*, p. 82.

<sup>85</sup> Cf. *ibid.*, p. 83. Cf., igualmente, *NISOT*, p. 223: “Sampaio Bruno, homem genial como poucos na Europa do seu tempo (...).”

<sup>86</sup> Cf. *Estudos*, pp. 57-58. Conjuntamente com a obra poética de Guerra Junqueiro – ainda nas palavras de Marinho: “Como Sampaio Bruno em filosofia, assim Junqueiro representa a mais inspirada e mais ampla forma da poesia no trânsito do Século XIX para o presente século.” [“Poesia e Verdade em Guerra Junqueiro”, in *NISOT*, p. 571].

<sup>87</sup> Cf. *Doc. II*, p. 16. Daí ainda estas suas palavras: “A Sampaio Bruno cabe, neste ponto como noutros, a glória de ter primeiro visto a essência imperitura sob as aparências transitivas. E por isso, também aqui, sua visão, sempre informada pelos mais subtis elementos do saber, como atenta à melhor tradição religiosa e política, do mesmo passo que mostra os limites e a inviabilidade da concepção da vida e da história em Herculano com em Oliveira Martins, alcança o mais fundo.” [*NISOT*, p. 196].

<sup>88</sup> Cf. *Estudos*, p. 61. Daí ainda estas palavras: “...nenhuma obra pode entre nós igualar a de Bruno. E nenhuma pode igualá-la porque ela abrange, em seu percurso, durante quase meio século, os extremos entre os quais se trava o debate que, sob certo aspecto, é do século XIX e dos nossos dias, e que, sob outro aspecto, é, por certo, tão velho e tão longo quanto as interrogações do homem, o mesmo homem e a própria filosofia.” [*ibid.*, p. 57].

Daí ainda, enfim, o tê-lo qualificado como “o nosso grande visionário ‘encoberto’ e herético”<sup>90</sup>, como “filósofo das estranhas vias e das estranhas viagens”<sup>91</sup>, como “moderno representante dos gnósticos”<sup>92</sup>. Em comparação, pelo menos, com Leonardo Coimbra, não há dúvida que Sampaio Bruno merece bem esse epíteto, tais, como aqui tivemos a oportunidade de assinalar, as marcas de gnosticismo no seu pensamento.

---

<sup>89</sup> Cf. *NISOT*, p. 523: “...Sampaio Bruno [é] um daqueles grandes homens de Portugal cuja obra é absolutamente indispensável para nos conhecermos bem no nosso passado, como também no nosso presente, senão ainda nas nossas possibilidades de futuro.”.

<sup>90</sup> Cf. *Cor.*, p. 119.

<sup>91</sup> Cf. *VCD*, p. 82.

<sup>92</sup> Cf. *Estudos*, p. 59; cf., igualmente, *ibid.*, p. 84.